

AIDÊ LAPA CLARO DE SIMONE

CENTROS DE MEMÓRIA DO ESPORTE: ANÁLISE DOS CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DE CONTEÚDOS DE EXPOSIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE MODALIDADES DESPORTIVAS ALÉM DO FUTEBOL

CELACC/ECA-USP

2012

AIDÊ LAPA CLARO DE SIMONE

CENTROS DE MEMÓRIA DO ESPORTE: ANÁLISE DOS CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DE CONTEÚDOS DE EXPOSIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE MODALIDADES DESPORTIVAS ALÉM DO FUTEBOL

Trabalho de Conclusão de Curso de Pós Graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, produzido sob a orientação da Professora Dra. Joana Rodrigues.

CELACC/ECA-USP

2012

AGRADECIMENTOS

Só tenho que agradecer...

Ao meu marido, De Simone, aos meus filhos, Karinna e Victor, aos meus pais, Valmar e Neire, aos sogros, José Carlos e Maria Luiza e a todos da família, que me apoiaram e incentivaram, viveram intensamente junto comigo, muitas aventuras e deram suporte para a conclusão de mais uma etapa de minha vida acadêmica e profissional.

Agradeço ao Professor Doutor Dennis de Oliveira, coordenador e representante de todos os professores e funcionários do CELACC, pela acolhida no Curso de Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, mesmo eu sendo uma “paraquedista”. Eles fizeram com que meu mundo e minha mente se transformassem em um universo de novas perspectivas, novas formas de enxergar a Cultura Brasileira em toda sua esplendorosa grandiosidade.

Meu agradecimento especial à Professora Doutora Joana Rodrigues, pelo privilégio de poder contar com suas orientações durante a elaboração e execução deste projeto, sempre pronta a me ajudar, e a me conduzir por todo o processo de criação, incentivando-me, acalmando-me, e guiando-me pelos caminhos para chegar até aqui.

Também quero deixar registrado meu sentimento de profunda admiração e gratidão a Djalma Penha, Daniela Alfonsi, Yara Rovai e Waldyr Fonseca e suas respectivas equipes, responsáveis pelas instituições abordadas neste trabalho. Foi uma grande honra poder desfrutar de momentos tão interessantes e ricos de informações a respeito do tratamento da Memória do Desporto no Brasil e conhecer, de forma mais aprofundada, os bastidores do Museu de Esportes de São José dos Campos, do Museu do Futebol, do Centro Pró-Memória Hans Nobiling e do Museu do Handebol.

Aos meus colegas de turma e minhas amigas “Antas” (Amanda Mezzena, Camila Marujo, Helenice Henne, Jaqueline Couto, Roberta Rigon e Verônica Salles), sem vocês, nada teria sido tão divertido, tão gratificante e enriquecedor. Conviver com as adversidades e diversidades foi a melhor parte de toda esta história e isto ficará registrado em minhas memórias hoje e sempre.

Finalmente, quero agradecer do fundo do meu coração, à minha Avó Tininha (in memoriam) com quem aprendi a nunca deixar de lutar pelos meus ideais, a nunca abandonar meus sonhos, e a quem jamais esquecerei.

SUMÁRIO

I- Introdução	06
II- Marcos teóricos e conceituais	07
III- Metodologia	10
IV- Pesquisa de campo	11
1- Museu de Esportes de São José dos Campos	11
2- Museu do Futebol de São Paulo	13
3- Centro Pró-Memória Hans Nobiling	15
4- Museu do Handebol	18
V- Considerações finais	19
VI- Referências bibliográficas	22
VII- Referências da Internet	23
VIII- Apêndices	25
1- Entrevista: Museu de Esportes de São José dos Campos	25
2- Entrevista: Museu do Futebol de São Paulo	35
3- Entrevista: Centro Pró-Memória Hans Nobiling	45
4- Entrevista: Museu de Handebol	56

CENTROS DE MEMÓRIA DO ESPORTE: ANÁLISE DOS CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DE CONTEÚDOS DE EXPOSIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE MODALIDADES DESPORTIVAS ALÉM DO FUTEBOL

Aidê Lapa Claro De Simone¹

Resumo:

Este artigo visa detectar quais são os critérios utilizados para selecionar os conteúdos e objetos de exposição por parte de Museus e Centros de Memória do Esporte no Estado de São Paulo, uma vez que a preponderância tem sido concedida ao futebol relegando as demais modalidades esportivas a um segundo plano.

Palavras-chave: Centros de Memória, Memória Social, Desporto, Ídolos do Esporte, Eventos Esportivos.

Abstract:

This article aims to detect what are the criteria used to select the contents and objects exposed by the Museums and Memory Sports Centers in the State of Sao Paulo since the preponderance has been given to football relegating other sports to the background.

Keywords: Memory Centers, Social Memory, Sport, Idols of Sport, Sporting Events.

Resumen:

Este artículo tiene como objetivo detectar cuales son los criterios usados para seleccionar el contenido y los objetos de la exposición por parte de museos y de centros de la memoria del deporte, en el Estado de São Paulo ya que la preponderancia se le ha dado al fútbol relegando a otros deportes para segundo plano.

Palabras-llave: Centros de la Memoria, Memoria Social, Deporte, Ídolos del Deporte, Eventos Deportivos.

¹Licenciada em Educação Física pela Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo (1981-1984) com Especialização em Técnicas Desportivas (Handebol), pela Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo (1985). Este artigo foi redigido como trabalho de conclusão do curso de pós-graduação lato sensu em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, organizado pelo Centro de Estudos Latino-Americano sobre Comunicação e Cultura, da ECA/USP, no ano de 2012, sob orientação da Prof^a Dr^a Joana Rodrigues. aipe@ig.com.br

I – INTRODUÇÃO

A escolha do Brasil para sede dos dois mais importantes eventos esportivos do planeta, Copa do Mundo FIFA de 2014 e os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016, tem provocado grande mobilização não somente nos setores esportivos e econômicos, como em domínios administrativos do país. É o caso da área cultural que tem procurado estabelecer metas e programas capazes de suprirem a demanda de projetos que promovam e viabilizem a difusão das mais variadas formas de expressão da Cultura Brasileira. Dentro desta perspectiva, surgem os museus e centros que cultivam acervos e objetos diretamente relacionados à memória do desporto nacional. Em São Paulo, podem-se encontrar memoriais dos times de futebol e algumas instituições públicas e particulares que preservam a história de conquistas de equipes e de atletas amadores, profissionais e olímpicos, muitas vezes mais valorizados e reconhecidos internacionalmente do que por parte do povo brasileiro.

Algumas ações têm contribuído para o desenvolvimento deste setor, como a realização do I Seminário Internacional de Memória e Esporte, em setembro de 2011 no Esporte Clube Pinheiros, na cidade de São Paulo, que contou com a participação de instituições ligadas ao tema incluindo representantes do Museo del Fútbol Club Barcelona², da Espanha e do Museo de La Pasi3n Boquense³, da Argentina. Deste evento surgiu a proposta da forma3o de uma Rede de Compartilhamento de Dados entre os locais de preserva3o da mem3ria esportiva de todo o Brasil.

Neste mesmo ano ocorreu o lan3amento e execu3o do Projeto Mem3ria do Esporte Ol3mpico Brasileiro, parte do Programa Petrobr3s Esporte & Cidadania que teve como um dos idealizadores o jornalista Jos3 Trajano, do Canal de Televis3o ESPN Brasil. “Temos a uma grande oportunidade de contar a hist3ria dos her3is brasileiros, mesmo n3o sendo medalhistas”. Com estas palavras Trajano define o projeto que selecionou nove document3rios contando as trajet3rias de atletas nacionais com grande visibilidade midi3tica ou n3o. Trabalhos como estes podem servir de modelo para novas iniciativas envolvendo as 3reas de Esporte e Cultura no Brasil.

Diante deste cen3rio, surgem algumas quest3es principalmente com rela3o 3 supremacia do futebol em detrimento das outras modalidades. Existem v3rios estudos que abordam e refor3am a ideia de que h3 uma press3o sistem3tica da m3dia e de interesses mercadol3gicos em se manter esta superioridade, principalmente no Brasil, considerado o pa3s do futebol. Esta exposi3o excessiva restringe a mem3ria de outros esportes e sua divulga3o al3m de inibir o conhecimento por parte da popula3o.

²Museo Del Fútbol Club Barcelona, Est3dio Camp Nou, Barcelona, Espanha.

³Museo de La Pasi3n Boquense, La bombonera, Boca Juniors Est3dio de Fútbol, Buenos Aires, Argentina.

O objetivo deste estudo é conhecer os mecanismos de preservação da memória das diversas modalidades desportivas (inclusive e não somente do futebol) nos museus e centros de memória do esporte no Estado de São Paulo e detectar quais os fatores preponderantes na seleção dos conteúdos de suas exposições.

Faz parte deste projeto também, examinar como é feita a constituição dos acervos, identificar quem são os responsáveis por sua administração, quem financia este trabalho, verificar quem é o público que frequenta estas instituições e sua relação com o conteúdo apresentado, quais os objetivos sociais destas entidades e qual o papel dos protagonistas das histórias ali contadas (atletas e dirigentes) no desenvolvimento da cultura esportiva do país.

II - MARCOS TEÓRICOS E CONCEITUAIS

Esta abordagem exige o esclarecimento de alguns conceitos relacionados ao tema Memória do Desporto.

A memória, segundo Marilena Chauí “é a atualização do passado ou a presentificação do passado e é também registro do presente para que permaneça como lembrança” (CHAUÍ, 2009: p.140). Em nossa sociedade é valorizada pela multiplicação das formas de registro dos fatos, pelos avanços da ciência e das ferramentas tecnológicas e pelo surgimento de instituições que preservam tais acontecimentos (os museus, bibliotecas e arquivos). A memória pode ser desvalorizada também, quando não é vista como capacidade essencial para aquisição do conhecimento, quando se apresenta em quantidade exorbitante de objetos descartáveis tornando-se superficial ou quando não se dá a devida importância aos idosos, detentores dos saberes e de sua transmissão entre os membros de uma coletividade. Mas é certo que só se guarda na memória aquilo que apresenta maior significado ou que provoca maior impacto em nossas vidas.

Para Maurice Halbwachs (2006), a “memória individual” depende da interação do sujeito com o meio social, seus grupos e instituições, portanto do pertencimento a uma comunidade afetiva onde o outro tem papel fundamental no compartilhamento destas memórias, tanto no campo histórico como no simbólico, o que torna a “memória coletiva” ponto de partida para rearticulações das relações que se estabelecem entre os diferentes grupos aos quais o indivíduo pertence.

Neste artigo sempre haverá referência a três formas de memória, a “individual”, a “coletiva” e à “memória social ou histórica” conceituada por Chauí como sendo aquela:

(...) fixada por uma sociedade por meio de mitos fundadores e de relatos, registros, documentos, datas, nomes de pessoas, fatos lugares que possuem significado para a vida coletiva. Excetuando-se os mitos que são narrativas fabulosas do passado lendário de uma comunidade e, portanto só existem na

mente ou imaginação da coletividade, a memória social e histórica é objetiva, pois existe fora de nós, conservada em objetos (textos, monumentos, inscrições, ornamentos, obras de arte, etc.). (CHAUI, 2009: p.141)

As lembranças das glórias atléticas do passado através de narrativas, objetos, imagens e sons, aliadas ao registro dos acontecimentos do presente, se apresentam como meios de preservação da memória do desporto. Para que este processo aconteça de forma sustentável deve haver um constante trabalho de pesquisa e profissionalização dos agentes responsáveis por este sistema de trabalho.

Este é o motivo pelo qual os museus adquirem cada vez mais importância, pois têm a função de salvaguardar o patrimônio material e imaterial que seus acervos representam. Na ótica do Sistema Brasileiro de Museus, “os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições, que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. (...) são portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes” (SBM, 2012).

Diante destas características, os museus se apresentam como lugares de trocas, de relacionamentos, intercâmbio de sensações e conhecimentos. São formatados e constituídos de acordo com o pensamento daqueles que os idealizam, suas concepções a respeito dos temas que abordam e o tipo de material que possuem. Responsáveis pela transmissão de saberes devem estar comprometidos com a veracidade dos fatos uma vez que interferem diretamente no modo de pensar e de agir de outras pessoas.

Os museus de esportes aqui analisados concentram acervos de diversas modalidades esportivas de competição, ou seja, desporto. Do ponto de vista de Daniel Matos:

Esporte ou desporto é toda atividade física consciente, lúdica, que envolve confronto com algum adversário humano ou com o próprio indivíduo, de modo a alcançar objetivos nos planos simbólico e concreto, tendo suas regras estabelecidas e reguladas por federações em nível mundial e comuns a todos os países. (MATOS, 2005: p.76)

Georges Magnane (1969), sociólogo do esporte, acrescenta que esta atividade pode “ser suscetível a transformar-se em prática profissional.” (MAGNANE apud FENSTERSEIFER E GONZÁLEZ, 2005: p. 127)

O desporto assim definido possibilita inúmeras formas para estabelecer vínculos entre seus componentes e a cultura de cada povo, de cada civilização. Muitas vezes se torna fator de identidade nacional, como no caso do futebol brasileiro, do rugby para os neozelandeses e do basquete para norte-americanos.

A memória quando apresentada em determinadas instituições de preservação, pode reproduzir o pensamento ideológico dos grupos que as dirigem. Neste contexto torna-se muito evidente a manipulação e o direcionamento do conteúdo das exposições para tendências a favorecimentos de ordem política, mercadológica, social, econômica, comprometendo o cunho democrático a que se propõem, principalmente em se tratando

de museus públicos. Desta forma faz-se necessária a capacitação e especialização dos profissionais do setor. Tal profissionalização deve abranger o conhecimento técnico desde a escolha do material que será exposto até a manutenção e restauro de peças apresentadas.

Já no desporto, esta “luta” pelo poder é expressa de outra forma: por uma constante busca pela superioridade técnica entre adversários, em um processo simbólico de vitórias e derrotas entre grupos e indivíduos. No ambiente de igualdade de condições onde são praticadas as competições, prevalece o “mais rápido, o mais alto ou o mais forte” (lembrando o lema olímpico, “Citius, Altius, Fortius”), e podemos acrescentar o mais sábio.

Assim surgem os heróis e ídolos esportivos que “são atletas ou protagonistas do esporte caracterizados por uma ilimitada admiração de uma comunidade esportiva por suas façanhas/resultados esportivos e/ou atributos especiais” (TUBINO, GARRIDO E TUBINO, 2007: p.873). Tanto os ídolos como os heróis exercem forte influência no imaginário daqueles que os veneram. O ídolo é capaz de influir seus admiradores ao representar seus anseios e desejos despertando-lhes a vontade de conquistar o mesmo patamar alcançado por ele. Mas para os especialistas em Ciências do Desporto, Eduardo Rodrigues e Paulo Cesar Montagner, o herói “possui elementos relativos à competência e eficiência, espírito vencedor e outros aspectos que não se relacionam com a ação desportiva dele, que extrapolam a modalidade, o esporte em si” (RODRIGUES E MONTAGNER, 2005: s/p).

Há uma associação da imagem do ídolo (também visto como celebridade pela notoriedade que lhe é conferida) à do herói que garante sua perpetuação através da fascinação que promovem naqueles que se identificam com suas realizações, e pelos modelos de sucesso e comportamento muitas vezes construídos pela influência da mídia. Como afirma o professor doutor em Sociologia, Ronaldo Helal:

(...) a diferença entre celebridades e heróis. Enquanto os primeiros vivem somente para si, os heróis devem agir para redimir a sociedade. A saga do herói clássico fala de um ser que parte do mundo cotidiano, se aventura a enfrentar obstáculos considerados intransponíveis, vence-os e retorna a casa dividindo os seus feitos com seus semelhantes. (HELAL, 2006: p 225)

Desta maneira torna-se fundamental a conscientização dos atletas para o papel que representam em suas comunidades e para a nação como um todo. Por serem representantes dos ideais de cada cidadão, há necessidade que percebam seu valor e participem ativamente do desenvolvimento da Cultura Desportiva do Brasil.

III – METODOLOGIA

A área de abrangência desta pesquisa restringe-se a uma região dentro do Estado de São Paulo próxima à capital, pela facilidade de acesso a alguns dos maiores centros de

preservação da história e de memória do esporte nacional. Foram selecionados locais capazes de fornecerem informações a respeito dos critérios utilizados para organizar uma exposição destacando os feitos dos atletas e equipes que atingiram projeção nacional e mundial colocando a nação brasileira em evidência no cenário internacional.

Quatro centros fazem parte da pesquisa: o *Museu de Esportes* (na cidade de São José dos Campos), o *Museu do Futebol*, o *Centro Pró-Memória Hans Nobiling* (ambos na cidade de São Paulo) e *Museu do Handebol* (em Atibaia).

De acordo com Dennis de Oliveira e baseado nas orientações contidas no “Manual de Metodologia da Pesquisa de Bens Simbólicos” a abordagem metodológica aqui utilizada foi o método dialético marxista envolvendo um estudo antecipado do problema com sua fundamentação teórica, reforçado pela realização de entrevistas semiestruturadas nas quais foram formuladas questões capazes de direcionar o depoimento do entrevistado e estabelecer uma linha de pensamento voltada para conteúdo do projeto elaborado (OLIVEIRA, 2009: p.5).

Em cada museu foi feita uma visita monitorada seguida pela entrevista previamente agendada através de contato telefônico ou por correio eletrônico ao serviço de atendimento de cada instituição. No *Museu de Esportes*, no *Museu do Futebol* e no *Centro Pró-Memória Hans Nobiling*, os encontros foram gravados em áudio. No *Museu do Handebol* não houve gravação, apenas registros escritos de um relato informal do colecionador cujas conclusões são relatadas no transcrito deste trabalho.

Entre os temas pesquisados estão o funcionamento de cada museu desde a sua criação e propósitos iniciais à constituição e manutenção de cada acervo bem como a forma que se desenvolvem as atividades destas instituições para promoverem as visitas e maior envolvimento do público nas ações propostas.

IV - PESQUISA DE CAMPO

1. Museu de Esportes de São José dos Campos

Localizado no antigo prédio da Câmara Municipal, na região central da cidade.

Em visita realizada ao *Museu de Esportes* e após entrevista com Djalma Penha⁴, supervisor da instituição (Apêndice 1), foram obtidas as seguintes informações: o Museu é uma entidade mantida pela prefeitura da cidade e está sob a responsabilidade da Secretaria Municipal de Esportes. Começou suas atividades em 1999 por iniciativa de um cidadão (José Figli) que possuía grande quantidade de material contando as

⁴ Djalma Penha, formado em Desenho Industrial, supervisor do Museu dos Esportes de São José dos Campos e coordenador regional do SISEM para o Vale do Paraíba.

histórias dos times de futebol da cidade. Com o passar dos anos e o interesse da comunidade por suas atividades, o Museu recebe doações que são selecionadas, catalogadas e incorporadas ao acervo, possibilitando a elaboração de exposições que falem da memória das equipes de outras modalidades esportivas como basquete, natação, representantes do município em competições locais e estaduais como os “Jogos Regionais”, “Abertos do Interior” e “Jogos da Juventude”.

Os órgãos oficiais passam a reconhecer cada vez mais o trabalho deste Museu. Fornecem suporte às novas ideias através de concessão de verba no orçamento que permita sua manutenção e a criação de outras estratégias para atender a projetos mais abrangentes. Há também a mobilização de diferentes áreas do poder público para a cobertura dos campeonatos produzindo materiais (fotos, vídeos) que enriquecem o acervo. Observa-se a preocupação em promover ações que facilitem o acesso do público ao Museu através de projetos desenvolvidos pelos governos municipal e estadual (como exemplo, o “Projeto Cultura é Currículo” e “Trilhas”) uma vez que a procura de escolas e grupos de pesquisa é grande.

Alguns aspectos da legislação local impedem a captação de recursos através da utilização de Leis de Incentivo. O Museu desempenha a função de preservação e divulgação da memória do desporto e tornou-se muito importante na região do Vale do Paraíba. Isto tem provocado uma movimentação nas esferas administrativas da cidade para que sejam feitas modificações nesta legislação a fim de que se permita o acesso aos meios de captação e viabilize novas propostas com a participação de capital privado e isenção de tributos liberando a verba municipal para o desenvolvimento de recursos humanos, estruturais e tecnológicos do Museu.

Com relação ao conteúdo das exposições, existem alguns critérios que foram adotados para seu melhor funcionamento:

- a) Todo o acervo representa feitos esportivos de indivíduos ou grupos pertencentes à comunidade de São José dos Campos, de todos os tempos e gerações.
- b) São expostos diversos tipos de materiais: uniformes, troféus, flâmulas, faixas de campeão, bolas, ingressos, assim como o algumas curiosidades (como exemplo, o troféu de Campeãs da Copa Libertadores da América de Futebol Feminino de 2011 conquistado pelo time do São José Esporte Clube).
- c) As fotografias são geralmente de equipes, os registros fotográficos individuais se restringem às “personalidades”, figuras que normalmente têm algum relacionamento com a história da cidade.
- d) Por opção da coordenação do Museu, a exposição permanente divide-se em alas onde há fotos das conquistas de diversas modalidades das equipes tradicionais de São José, e uma sala reservada ao São José Esporte Clube, time de futebol profissional representante da cidade. As conquistas mais recentes de outras modalidades são apresentadas em projeções de vídeo, em aparelhos de televisão e computadores disponíveis para tal.

- e) As exposições temporárias têm duração média de seis meses e geralmente o museu conta com as sugestões da comunidade (colhidas em caixa de sugestões ou através do site disponível na internet, www.museudeesportes.sjc.sp.gov.br), mas podem se estender por um período maior de acordo com a frequência do público.
- f) Toda a verba utilizada pelo museu é parte do orçamento anual reservado pela Secretaria Municipal de Esportes. Para cada projeto extraordinário é feito um planejamento, orçamento e pedido de aprovação aos órgãos competentes.
- g) Há uma quantidade de materiais e objetos guardados que servem para renovação dos conteúdos das exposições e que são mantidos em local e em estado de conservação apropriados, seguindo as normas dos órgãos ligados à área de museologia como SISEM (Sistema Estadual de Museus) e IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus). Também seguindo estas normas, são feitas restaurações.

O Museu funciona com atividades internas e realiza mostras e atividades em conjunto com a Secretaria de Esportes e de Cultura em eventos municipais promovidos pelas mesmas, em locais diferenciados como parques, centros de exposições, escolas.

Mesmo com a dificuldade que enfrenta devido à ausência de profissionais qualificados para desenvolverem pesquisa museológica, o corpo de funcionários realiza um projeto de preservação da memória dos atletas através de depoimentos individuais para a formação de um banco de dados a ser utilizado como fonte de informações para o público. Um fato marcante é que poucos atores das histórias contadas no Museu participam efetivamente das atividades propostas pela instituição. Não há interesse por parte dos mesmos principalmente quando ainda estão em idade e condições de “produção”. Os atletas não costumam comparecer aos eventos e exposições e só o fazem quando existe uma atividade que promova sua imagem. Porém, com o passar do tempo e após a aposentadoria, os mais velhos voltam a participar efetivamente das ações realizadas pelo Museu.

O número de visitas oscila de acordo com exposição em evidência, mas a média mensal é de seiscientos visitantes. O acesso é gratuito.

2. Museu do Futebol de São Paulo

Localizado nas dependências do Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, Pacaembu, São Paulo.

Daniela Alfonsi⁵, coordenadora do Núcleo de Documentação, Pesquisa e Exposições, concedeu-me entrevista (Apêndice 2) descrevendo o que ali se desenvolve através da história do futebol e seus pontos de convergência com a História do Brasil no século XX, que se prolonga até os dias de hoje.

⁵ Daniela Alfonsi, Antropóloga (Doutoranda em Antropologia e Mestre em Antropologia pela USP, graduada em Ciências Sociais). Coordenadora do Núcleo de Documentação, Pesquisa e Exposições do Museu do Futebol em São Paulo.

O Museu iniciou suas atividades em setembro de 2008, mas seu projeto de implantação começa em 2005. Partindo de uma iniciativa popular, por intermédio de alguns jornalistas esportivos de renome como Juca Kfoury, o então prefeito de São Paulo José Serra, resolve encampar o projeto em uma parceria com a Fundação Roberto Marinho. O objetivo é prestar uma grande homenagem ao futebol através da elaboração de um espaço que celebre a memória do esporte que fez com que o Brasil “saísse para o mundo”, segundo palavras de Daniela Alfonsi.

A Fundação Roberto Marinho, já com experiência na gestão de implantação de outros centros de memória como o Museu da Língua Portuguesa, utiliza-se de uma equipe de profissionais especializados em vários setores (arquitetura, cenografia, curadoria, etc) para dar andamento à execução do projeto *Museu do Futebol*. Quando da entrega da obra, o Museu passa para a Secretaria de Estado de Cultura de São Paulo, que o confia ao Instituto de Arte do Futebol Brasileiro tornando-o administrador por meio de Contrato de Gestão.

A Secretaria de Esportes do Município tem grande participação na cessão da área onde o Museu está e ainda hoje contribui com acordos e parcerias, no entanto a gestão do Museu fica a cargo da área de Cultura.

Quando questionada sobre minha dúvida, “Por que só futebol?”, a coordenadora explica que o Museu é um órgão que conta a história cultural e social do Brasil no século XX até a atualidade, paralelamente à história do futebol. Justifica que uma das formas pela qual o Brasil passa a ser conhecido internacionalmente é por conta do nosso futebol e que por isso se tornou um fator de identidade nacional. Não há sequer um canto de nosso país onde o futebol não faça parte do cotidiano das pessoas. Mesmo aqueles que não o praticam ou participam de eventos de esportes diretamente, têm algum relacionamento com o futebol brasileiro ou de suas comunidades. Também cita que em certos pontos da exposição aparecem alguns feitos de atletas de outras modalidades, cada um em sua época de destaque. Assim, a disposição das salas do Museu é feita de forma intencional seguindo uma lógica cronológica que permite falar da vida cultural, social e esportiva do Brasil através da exposição de imagens e sons que representam as conquistas do futebol brasileiro nas várias etapas de nossa história.

Os critérios adotados para a eleição do conteúdo apresentam as seguintes características:

- a) O acervo foi definido pelo trabalho de um curador (Leonel Kaz), em conjunto com pesquisadores e especialistas principalmente nas áreas de cenografia, direção de arte e arquitetura, que durante o processo de montagem do Museu, utilizou os arquivos da Fundação Roberto Marinho em parceria que é mantida até hoje.
- b) O argumento utilizado como ponto de partida para a seleção de conteúdos é de que o futebol está imbricado na vida cultural e social do brasileiro, então se deve falar de diversos aspectos da sua vida cotidiana: da formação social do povo, da relação entre raças e classes sociais na sociedade, das artes, da dança, política,

sentimentos e sensações e por isso utilizam-se de recursos audiovisuais e de meios tecnológicos avançados para atrair e provocar reações das mais diversas no público visitante.

- c) Não há exposição objetos, pois a ideia não é ligar o futebol a outras instituições, sejam quais forem clubes, federações, confederações, mas ao gol, ao drible, à defesa, enfim, ao futebol em si, elemento de representação da cultura do brasileiro como um todo. A única peça temporariamente exposta (emprestada até 2013 ao Museu no regime de comodato, ou seja, empréstimo não oneroso), é a camisa da Seleção Brasileira usada por Pelé no primeiro tempo da partida final da Copa do Mundo de 1970. O proprietário não autoriza a revelação do seu nome.
- d) Todas as imagens expostas são digitalizadas e o Museu não possui um acervo de objetos armazenados, mas arquivos relacionados ao conteúdo do mesmo.
- e) Além da exposição permanente são elaboradas exposições temporárias e atividades culturais.
- f) As exposições temporárias são fruto de ideias nascidas em reuniões periódicas do Núcleo de Pesquisa, e também oriundas de projetos apresentados por pessoas ou instituições que procuram o Museu. Estas exposições podem ter caráter itinerante, sendo apresentadas em outros locais e cidades, como foi no caso da “Ora Bolas: o Futebol pelo mundo” e de “Olhar com outro olhar”, apresentadas em cidades do interior.
- g) 70% da verba destinada ao Museu pela Secretaria Estadual de Cultura é destinada à sua manutenção. Os projetos contam com o restante deste dinheiro e com recursos obtidos por aprovação em leis de incentivo e patrocínios.
- h) Há participação do público em sugestões de temas para exposições, correções em possíveis erros do conteúdo, narração de eventos relacionados a algum item exposto enfim, fatos que são analisados pelo Núcleo de Pesquisa com a intenção de atualizar e corrigir possíveis falhas.
- i) Os atletas e ídolos que tem seus feitos expostos comparecem ao Museu principalmente quando são chamados para darem depoimentos e contribuir com os trabalhos de resgate da memória, ou a convite para as atividades que o mesmo promove. A maior parte das vezes, eles comparecem a atividades de empresas particulares ou em visitas anônimas esporádicas. Fora isto, sua participação voluntária no cotidiano da instituição é mínima.
- j) Há um projeto em andamento “História Oral”, de coleta de depoimentos pessoais de jogadores das Seleções Brasileiras em Copas do Mundo desde 1954, que faz parte do banco de dados para pesquisa o qual estará disponível em breve para os frequentadores do Museu, juntamente com uma biblioteca e centro de informática. Neste trabalho os atletas poderão contar suas histórias de vida e rememorar do seu ponto de vista, situações vividas no futebol.

Com a aproximação da Copa do Mundo em 2014, há projetos de implantação de iniciativas semelhantes nas cidades-sedes. Vários centros de memória de outras

modalidades esportivas, o COB (Comitê Olímpico Brasileiro), e pesquisadores das mais diferentes áreas o procuram como referência para novos empreendimentos.

O trabalho do Museu do Futebol serve como exemplo de profissionalismo e organização, e como resultado, recebe uma média de 1200 pessoas por dia.

Há cobrança de ingressos para acesso à exposição no valor de R\$6,00, meia-entrada para estudantes e idosos e gratuidade para pessoas com deficiências ou menores de sete anos. Às quintas-feiras o acesso é gratuito para todos.

3. Centro Pró-Memória Hans Nobiling

Instalado nas dependências do Esporte Clube Pinheiros, na região oeste de São Paulo.

Yara Rovai⁶, Supervisora do Centro relata em entrevista (Apêndice 3), fatos importantes para este artigo. Ao apresentar o histórico da instituição, conta que seu trabalho na mesma iniciou em 1990. O clube possuía uma grande quantidade de material em estado de conservação e segurança muito precários, por ter sido armazenado e permanecido em caixas por vinte anos, após a extinção do que foi o “Museu Hans Nobiling”, na década de 70. Com o intuito de produzir um livro para a comemoração do Centenário do Clube em 1999, o material foi selecionado, recuperado e junto a ele elaborou-se um banco de dados composto por entrevistas e materiais pessoais de esportistas, administradores e associados do Clube, além de um acervo repleto de objetos referentes à evolução da cultura da cidade e da sociedade paulistana desde o final do século XIX. Deste trabalho surgiu a proposta de fundar o Centro Pró Memória.

Historicamente, o Esporte Clube Pinheiros foi um dos pioneiros da introdução e prática de várias atividades desportivas na cidade. Hoje, segundo Yara, são 18 modalidades de esportes competitivos e o clube é um dos maiores campeões em todas elas, em diferentes categorias, no país. A chegada de Hans Nobiling ao Brasil foi de extrema importância não só para a fundação do Sport Club Germânia (que por conta do apoio do Brasil aos aliados na Segunda Guerra teve seu nome e estatuto alterados dando origem ao E. C. Pinheiros em 1942), mas também por enfatizar a importância da prática de esportes como hábito saudável e objeto de sociabilização. Esta paixão o levou a disseminar a prática do futebol da forma como era jogado na Alemanha, primeiramente pela a colônia alemã residente em São Paulo e depois organizando jogos contra colônias de imigrantes de outros países como os ingleses e italianos. Formou o “Nobiling Team”, embrião do Germânia, e a Liga Paulista de Futebol, juntamente com Charles Miller, do Mackenzie College, e Antonio Casimiro da Costa, fundador do Sport Club Internacional, em 1901. Aos poucos são introduzidos o pedestrianismo, tênis, esgrima, natação e remo (no rio Tietê), bola ao cesto (atual basquete), handebol de campo e ginástica.

⁶ Yara Rovai. Supervisora do Centro Pró-Memória Hans Nobiling. Formada em Ciências Sociais, Mestre em História e Filosofia da Educação e Especialista em Museologia.

Após a mudança de sua sede do Parque Antártica para a Chácara Itaim, o clube promove festas tipicamente alemãs, constrói pouco a pouco sua nova sede com quadras de tênis, campo de futebol, pista de atletismo e vê a necessidade de construir a piscina para seus associados. Isso tudo faz com que seus atletas, inclusive as mulheres, conquistem várias vitórias em importantes competições e comecem a representar o Brasil em diversas modalidades. Com o início do profissionalismo e por não ser esta a filosofia do clube, em 1932, o Germânia deixa de participar definitivamente da “Liga Paulista” e dos campeonatos oficiais de futebol. Antes da participação do Brasil na Copa do Mundo de Futebol em 1954, desde 1932, verifica-se que o Germânia, e posteriormente, Pinheiros, já cedia atletas para as delegações nacionais que participavam de Jogos Olímpicos em outras modalidades.

Hoje o clube mantém o procedimento de ceder um grande número de atletas para as delegações nacionais e ocupa lugar de destaque nas competições regionais e internacionais em quase todas as modalidades. Isto enriquece muito o acervo do Centro Pró-Memória que se viu obrigado a estipular alguns critérios para selecionar os conteúdos de suas exposições. São eles:

- a) Há uma exposição principal que não é permanente, porém de longa duração (três a quatro anos), devido ao fato de o Centro possuir uma grande reserva técnica (aproximadamente 40 mil imagens, 4 a 5 mil troféus). A rotatividade de material garante que o formato continue praticamente o mesmo, mas os conteúdos se modificam, sem deixar que seu significado sofra grandes alterações.
- b) A fundamentação da exposição se baseia na história esportiva do clube e sua relação com a história esportiva da cidade, bem como sua história social e cultural e a trajetória da colônia alemã. Há também uma sessão voltada para o lazer e o esporte no Rio Pinheiros.
- c) No início, aceitavam-se doações para a composição do acervo. Com o tempo a contribuição dos associados foi tão grande que houve a necessidade de se estabelecer um limite para a coleta de material devido à quantidade de objetos oferecidos. Então o critério passou a ser trabalhar com amostras, um exemplar de cada objeto, o qual é analisado e se verifica sua importância e significado para os objetivos do Centro, o estado de conservação e apresentação dos mesmos.
- d) Quem define tais critérios e seleciona o material que será mantido no Centro é a diretoria em conjunto com a supervisão. Ambos são responsáveis pelo planejamento anual que define as exposições temporárias e as atividades a serem desenvolvidas pelo departamento durante o período.
- e) A verba destinada ao Centro é oriunda do orçamento geral do Clube e cobre todas as despesas de funcionamento, manutenção, conservação do acervo, funcionários, instalações, etc. O Centro começa a concorrer a editais promovidos por órgãos públicos e por se tratar de uma nova iniciativa, este trabalho tem exigido maior intercâmbio com os outros departamentos como, por exemplo, o

de Esportes, que já se beneficia de aprovações de projetos através da Lei de Incentivo ao Esporte e do Projeto Olímpico, promovidos pelo Ministério dos Esportes. Estas leis possuem mecanismos semelhantes aos da Lei Rouanet de incentivo à Cultura, e têm sido de grande utilidade na elaboração de seus projetos. Estabelece-se assim, um elo entre as ações do poder público com uma instituição particular de grande representatividade na sociedade paulista e brasileira como um todo.

- f) O acervo é composto por troféus, fotografias, medalhas, uniformes, filmes, equipamentos esportivos de várias modalidades, passaportes, crachás de competições, e na parte social, objetos relacionados às festas e atividades culturais do corpo associativo. Também é possível acessar via Internet, o banco de dados disponível para consultas e pesquisas pelo site http://www.ecp.org.br/inst_promemoria.asp.
- g) Há uma sala destinada a expor objetos de Jogos Pan-Americanos e Olímpicos com participação dos atletas e dirigentes do E. C. Pinheiros. Eventualmente, nesta mesma sala, são montadas exposições temporárias as quais são também exibidas em outras áreas do clube com o intuito de estimular a frequência do público ao Centro. Estas exposições podem ser “encomendadas” pelos departamentos esportivos e sociais.
- h) O Clube presta homenagem aos atletas que o representam em competições de alto nível e conquistam feitos extraordinários com o Título de Atleta Benemérito ou de Sócios Honorários, reservando uma ala de destaque para eles. Estes atletas têm participação irregular nas atividades do Centro. Alguns contribuem ativamente logo após a conquista de seus feitos, depois se desligam por algum tempo e quando se tornam mais velhos voltam a frequentar como uma forma de “resgate dos tempos de glória”.
- i) O público que procura o Centro é basicamente formado por associados, pesquisadores e imprensa, e pouco contribui com ideias e sugestões.

A frequência média é de trezentas pessoas por mês e não é cobrado ingresso para visitação.

4. Museu do Handebol

Funciona no Município de Atibaia, São Paulo. Waldyr Antonio Fonseca⁷ reúne em sua coleção uma rica fonte de informações sobre o Handebol nacional e internacional. Este trabalho iniciou nos tempos de Diretor do Bandeirantes Handebol Clube de São Paulo, na década de 80. Reside atualmente em Atibaia interior do estado, e em 2003 começa a

⁷ Waldyr Fonseca. Economista. Diretor do Bandeirantes Handebol Clube na década de 80; Exerceu a função de Delegado da Confederação Brasileira de Handebol (CBHB) no período compreendido entre 1991 e 2004, da Federación Panamericana de Handball (Panamhadball) de 1998 a 2004 e da International Handball Federation (IHF) de 2001 a 2004 . Aposentou-se em outubro de 2008.

organizar o acervo do que viria a ser o Museu do Handebol aberto para visitas a partir de 2008. Dispõe sua coletânea de forma muito organizada e criteriosa:

- a) Faz a divisão do conteúdo por áreas de convergência, como por exemplo, objetos e quadros de Olimpíadas, Campeonatos Mundiais, Pan-Americanos, Brasileiros, Paulistas, viagens das equipes, etc.
- b) Seu acervo é composto por materiais diversificados que vão desde fotografias, flâmulas, medalhas, troféus e uniformes da Seleção Brasileira de Handebol até suvenires de locais onde foram realizadas as competições. Também há dados de jogos contidos em pastas com cópias das súmulas, relatórios de campeonatos, revistas específicas, recortes de jornais, etc..
- c) Tudo isto foi adquirido e é mantido com recursos próprios sendo que a visita deve ser feita por agendamento, contato telefônico ou pessoalmente com o proprietário.
- d) O público que procura o Museu do Handebol, geralmente conhece suas peculiaridades e contribui com objetos novos, porque após o desligamento das atividades de delegado da IHF, Waldyr Fonseca praticamente não frequenta mais estas competições, muito embora seja profundo conhecedor de tudo do mundo do handebol atual.

Embora com características de museu, o acervo não recebe o tratamento técnico de acordo com as especificações das entidades museológicas do país, mas o banco de dados sobre o handebol brasileiro que ali se encontra é um dos maiores e mais completos de todo o Brasil. Não se tem notícias de outras entidades que colecionem tantas informações a respeito da cultura desta modalidade no país.

V- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar o trabalho de campo constata-se que independentemente dos critérios utilizados pelos Museus e Centros de Memória do Desporto, a proposta de todos eles é de preservar e difundir estas memórias. Como bem disse Daniela Alfonsi durante a entrevista realizada no Museu do Futebol (Apêndice 2), “O papel Museu é garantir a memória desse feito, a memória do esporte. Esta é a nossa missão. (...) acho que a gente contribui de certa forma, com o não esquecimento dessas pessoas”.

Pode-se observar que a memória individual é contemplada quando nos são apresentados fatos e objetos que se referem às lembranças e passagens daqueles que de alguma maneira participaram dos eventos expostos (por exemplo, quando um atleta concede um depoimento, ou ainda, quando são narradas histórias por radialistas ou jornalistas, dando seu ponto de vista particular sobre determinados episódios por eles vividos no passado).

No entanto, ao serem trazidos à tona, estes registros podem sofrer alterações da sociedade com a qual este indivíduo se relaciona, passando a adquirir novos significados reconstruídos através do pensamento coletivo, no tempo e no espaço de pertencimento a determinado grupo (memória coletiva). Os centros de memória, além de resgatarem as memórias individuais e coletivas destes personagens, assumem a tarefa de preservar a identidade dos grupos ali representados utilizando, em tempo presente, dos mais variados recursos tecnológicos. Desta maneira permitem que estas memórias sejam socializadas e compartilhadas por várias gerações e por comunidades que não tenham vivenciado diretamente o evento.

Exemplo disto é que aqueles que nunca viram Pelé (no futebol), João do Pulo (no atletismo), Manoel dos Santos ou Gustavo Borges (na natação), e tantos outros que no desempenho de suas funções atléticas obtiveram grandes títulos para o Brasil, podem ter acesso a suas conquistas através dos acervos e exposições que tratam do assunto, pois a memória está preservada, documentada e disponibilizada através de fotografias, vídeos, troféus, e tantas outras formas de documentação.

Outro fato observado é que as quatro instituições estudadas convergem em muitos pontos, cada qual respeitando suas peculiaridades na maneira de tratar este tema. Fica claro que no momento em que se planeja a criação de um centro de memória há necessidade de definir uma linha de pensamento objetiva que corresponda aos anseios da comunidade por ele representada.

Observa-se que o *Museu dos Esportes*, por exemplo, opta por trabalhar somente a trajetória dos atletas e equipes que têm ou tiveram algum vínculo com a cidade de São José dos Campos. O *Museu do Futebol* elabora sua exposição baseada exclusivamente em fatos relacionados ao futebol, pois considera a modalidade fator de identidade nocional e como tal merece ser “homenageado” pela constituição de um local exclusivo para este fim. O *Centro Pró-Memória Hans Nobiling* busca salvaguardar as tradições sociais e recreativas do corpo de associados do Clube, além de defender a prática e divulgação de variadas modalidades desportivas olímpicas e, finalmente, o *Museu do Handebol* parte de uma iniciativa individual movida pela paixão de um cidadão por um determinado esporte, e busca um meio de contribuir para o desenvolvimento da modalidade através da preservação e difusão de seu patrimônio particular.

Foi possível investigar quatro esferas administrativas diferentes entre si, ou seja, uma entidade é mantida por um órgão do poder público municipal (Secretaria Municipal de Esportes de São José dos Campos), outra pelo governo estadual (Secretaria do Estado de Cultura de São Paulo), a terceira é mantida por uma sociedade privada (Esporte Clube Pinheiros) e a quarta, representada por iniciativa pessoal e particular (Sr. Waldyr Fonseca). Ficou evidente que quanto maior o grau de investimento, maiores as possibilidades de se criarem estruturas capazes de elaborar e manter acervos com alto grau de profissionalismo e uso de tecnologia avançada. Isto ocorreu no *Museu do Futebol*, onde foram utilizadas redes de relacionamentos para concluir sua implantação: o governo municipal se sensibilizou pelo interesse demonstrado pela sociedade para que

fosse criada a instituição. A partir de então, estabeleceu vínculo entre um órgão do Estado (através da Secretaria de Cultura) com uma entidade (Fundação Roberto Marinho), detentora de grande poder financeiro e de um banco de dados capaz de suprir a demanda para o desenvolvimento do projeto, além de já possuir experiência na formatação de centros semelhantes. Concluída a obra, ficou estabelecido um órgão encarregado de assumir a gestão (Instituto de Arte do Futebol Brasileiro) e garantir sua sustentabilidade. É por isso que o Museu do Futebol tem sido procurado como exemplo e referência para outras iniciativas no setor.

Desta maneira, aproveitar os ensinamentos promovidos pela “Cultura Futebolística” para desenvolver estruturas semelhantes nas outras modalidades, talvez seja uma maneira de elevar o nível de investimentos financeiros e exposição midiática das mesmas provocando uma revolução na forma de se tratar o desporto e a Educação Física no país.

O conteúdo e a forma de exibição dos materiais nas exposições determinam a quantidade e o tipo de público. Como afirma Djalma Penha, durante entrevista no *Museu dos Esportes* referindo-se à mostra *Mulher no Esporte*, “Você muda o público por causa da exposição.” (Apêndice 1). Daí a importância de uma boa seleção do que será apresentado. Isto implica maior conhecimento acadêmico e profissionalização do setor no trabalho de pesquisa, restauro, manutenção, elaboração de novos projetos, e gestão administrativa.

Levantada a questão da participação dos atletas e dirigentes de esportes que são os protagonistas de todas as histórias contadas, nota-se que há muito pouco envolvimento destes com os centros, muito embora sejam eles a alma da beleza e da arte ali presentes. Por isso é importante frisar que independentemente desta participação, o compromisso destes museus com o público é o de apresentar as trajetórias das conquistas e glórias esportivas do passado, individuais e coletivas, atualizar seus acervos com as histórias mais recentes e programar novas formas de atração a fim de promover e difundir a Cultura do Desporto Nacional como um todo.

Segundo o ex-presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI), Juan Antonio Samaranch, “O esporte é uma escola de justiça, democracia e direitos humanos”, e complementa “No mundo de hoje, caracterizado por profundas preocupações com a paz, o esporte oferece aos homens um instrumento valioso na luta contra a alienação de nossa sociedade” (SAMARANCH, 2010, s/p).

Sendo assim, os acervos que contêm as memórias dos esportes de competição e contam as glórias de seus heróis, ocupam um espaço de relevância na transmissão dos saberes, pois é na análise do passado que conseguimos planejar e vislumbrar o futuro promissor.

VI- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTO, G.P. e MARINHO, J.M. **Álbum do Centenário do Esporte Clube Pinheiros**. São Paulo: Editora Alameda Projetos e Pesquisa em Patrimônio Histórico, 1999.

AZEVEDO, Clara. e ALFONSI, Daniela. **A Patrimonialização do Futebol**. Revista de História, São Paulo, n° 163, p. 275-292, jul/dez. 2010.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 13ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 2009.

ESPORTE CLUBE PINHEIROS. **Edição Comemorativa de Aniversário-110 anos**. São Paulo: ECP, 2009.

FENSTERSEIFER, P. E. e GONZÁLEZ, F. J. (org). **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou, São Paulo: Centauro, 2006.

MACEDO, Anabela Semanas. **O papel do jornalismo esportivo na hegemonia do futebol. Observações e reflexões de um estágio no diário desportivo O Jogo**. Tese de mestrado, Universidade do Minho: Portugal, junho de 2008.

MATOS, Daniel Correa de. **Dicionário de Educação física, desporto e saúde**. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Rubio, 2005.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

OLIVEIRA, Dennis. **Manual de Metodologia da Pesquisa de Bens Simbólicos**. São Paulo: CELACC, 2009.

SEMERARO, Giovanni. **Gramsci e os novos embates da Filosofia de Práxis**. 2ª ed. Aparecida : Ideias e Letras, 2006, pp 28-32.

TUBINO,F.M; GARRIDO, F.A.C.; TUBINO, M.J.G. **Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte**. Rio de Janeiro: SENAC, 2007.

VII- REFERÊNCIAS DA INTERNET:

CARDOSO, Sílvia Helena. **Memória: o que é e como melhorá-la.**

Disponível em: <<http://www.cerebromente.org.br/n01/memo/memoria.htm>>, acessado em 16-mar-2012

CARVALHAL, Juliana Pinto. **Maurice Halbwachs e a questão da Memória**, Revista espaço acadêmico, n° 56- Janeiro/2006.

Disponível em:<<http://espacoacademico.com.br/056/56carvalhal.htm>> acessado em 17-nov-2011

GLOBOESPORTE.com. **Samaranch deixa como legado dezenas de frases sobre o movimento olímpico.** Disponível em:

< <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Olimpiadas/0,,MUL1575612-17698,00.html>> acessado em 18-out-11

GOELLNER, Silvana Villodre. **Esporte moderno: memória e história.** Revista Digital, Buenos Aires, Ano 10, n° 77, Outubro de 2004.

Disponível em:<http://www.efdeportes.com/efd77/esporte.htm> acessado em 27-fev-12

HELAL, R. **Idolatria e malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário.**

2006. Disponível em: <<http://168.96.200.17/ar/libros/alabarces/PIII-Helal.pdf>> Acessado em 08-abr-2012

KESSEL, Zilda. **Memória e Memória Coletiva.** Disponível em:

<<http://www.memoriaeducacao.hpg.ig.com.br/10>> acessado em 17-nov-11

MÁXIMO, João. **Memórias do Futebol Brasileiro. Estudos Avançados**, 13(37), 1999. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-00141999000300009&script=sciarttext>> acessado em 18-out-11

MONTAGNER,P.C. e RODRIGUES, E.F. **Esporte-espetáculo, televisão e pedagogia do esporte: O que as crianças aprendem e as relações com um programa esportivo de televisão.** Revista Digital- Buenos Aires. Jun. 2005, Ano 10.

Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/> > acessado em 16-mar-2012

PETROBRÁS – **Fatos e Dados. Projeto Memória do Esporte Olímpico Brasileiro produzirá documentários.** Jul/11.

Disponível em: <http://fatosedados.blogspot.com.br/2011/07/12/memoria-do-esporte-olimpico-documentarios-ineditos/> acessado em 27-fev-12

REDE CEDES - Laboratório de História do esporte e do Lazer. **O Estado-da-Arte: a necessidade de projetos de preservação da memória esportiva do país.**

Disponível em: <<http://www.anima.eefd.ufrj.br/imprensa/consulta/estadodaarte.asp>> acessado em 18-out-11

RODRIGUES, Filipa. **Museologia e Herança Intangível/ Memória, História e Identidade.**

Disponível em: http://www.museu-da-pessoa.net/identidade/?page_id=133 acessado em 09-mar-12

SBM – Sistema Brasileiro de Museus. **O que é Museu?**

Disponível em: <http://www.museus.gov.br/sbm/oqueemuseu_apresentacao.htm> acessado em 10-mar-2012

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural.** Educação e Sociedade, ano XXI, nº 71, julho/00.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a08v2171.pdf> acessado em 9-mar-2012

APÊNDICE 1

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA NO MUSEU DOS ESPORTES DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS – SP

DATA: 10/02/2012

ENTREVISTADO: Djalma Penha, Supervisor do Museu.

Aidê: O Museu tem o objetivo de atender a população da cidade de São José dos Campos embora o acervo todo seja montado com material do Brasil todo. Como surgiu a Instituição, qual a proposta inicial e a que ela atente atualmente?

Djalma: Então, o Museu surgiu em 1999. Atendemos ao José Fighi que recebeu materiais para expor no evento no ano, aí foi acumulando este material e a administração resolveu fazer o museu, pegou o material dele e colocou-o para administrar o Museu e esta foi a formação inicial do museu. Depois foi acontecendo através de doações.

Aidê: E o Museu é uma proposta particular ou...

Djalma: Não, é do Governo Municipal.

Aidê: Governo Municipal?

Djalma: Isso!... Ligado a Secretaria de Esportes.

Aidê: E como é feita a eleição dos conteúdos pra serem expostos?

Djalma: Para serem expostos, a gente verifica nosso acervo, faz o levantamento do material, aí, dá uma olhada nas fotos que tem relevância, que tem história para a cidade, entendeu? Porque às vezes pode ter muito material que é interessante para o museu, mas para expor não, e dependendo se tiver muito material bom, o que a gente faz? Parte para rotatividade, vai para a exposição e parte fica no acervo, aí caso precise de novo da exposição a gente coloca as fotos que não foram expostas, que é o caso especialmente hoje das Mulheres no Esporte, então, ficou um ano a exposição, aí a gente optou não, a gente montou a exposição inteira da natação e optou em não usar, ficou pelo menos um ano e meio a dois anos no acervo para depois expor de novo.

Aidê: Então existem exposições permanentes e temporárias?

Djalma: Temporárias, isso!

Aidê: E quando você faz uma exposição dessas, existe um critério específico para elencar isso? Por exemplo, você vai usar só fotografias, você vai usar só uniformes antigos?

Djalma: A ideia é usar quantidade variada de material, até texto. Tem algumas exposições que a gente usa texto, mas não é muito texto porque o pessoal gosta mais do visual. Só que é interessante às vezes, você tem uma bola, que nem a do rugby, a gente conversou com o técnico e ele achou interessante colocar uma bola de Rugby que não é uma bola comum. Então a exposição vai ter bola de Rugby por ser uma coisa nova e o pessoal não conhece direito, entendeu? Mas o padrão nosso é colocar uniformes, fotos, medalhas e troféus.

Aidê: **E quem é que determina estes conteúdos, por exemplo, você falou da exposição sobre o Rugby. A pessoa que vai te fornecer este material chega e fala assim “olha, eu quero que dê mais ênfase neste tipo de coisa”, como é que é isso?**

Djalma: No caso nós chamamos o técnico aqui, conversamos com ele e ele falou, “o que você acha interessante ter?” “É legal ter a fotos porque nosso Rugby é forte.” E a gente faz o que? Realmente a gente não usa foto individual, usa foto da equipe, que é mais interessante. Já que ele foi várias vezes campeão, tentamos conseguir uma foto da equipe de cada campeonato, e a gente usa este mesmo padrão pros Jogos Abertos, os Jogos Regionais, qualquer outro evento nosso, a gente faz o que? A gente pede para o fotógrafo tirar a foto da equipe, foto recebendo a premiação, no pódio e foto no jogo. Geralmente a gente escolhe uma de cada para ficar pra compor o acervo, aí o mesmo caso a gente opta pela exposição.

Aidê: **Mas sempre dando preferência para o grupo, não para o individual?**

Djalma: Para o grupo.

Aidê: **E quem é que financia este trabalho todo?**

Djalma: É tudo a Prefeitura.

Aidê: **A Prefeitura?**

Djalma: É, pela Prefeitura que a gente faz todo este trabalho. Qualquer exposição, eu tenho um valor de quanto sai uma exposição, mas eu tenho que fazer um orçamento para o ano que vem, então eu já faço uma previsão de todas as exposições e quanto vai ficar. Aprovou o visual, corro atrás do orçamento e faço planilha. Feita a planilha, aí vai para a Secretaria para conseguir o dinheiro.

Aidê: **E a Prefeitura aproveita as Leis de Incentivo? Para poder fazer isso, ela corre atrás de patrocinadores, de pessoas que possam financiar, não?**

Djalma: Não.

Aidê: **Por intermédio da Prefeitura, ou não?**

Djalma: Não. A gente aqui em São José tem uma Lei do Incentivo ao Esporte, é interessante, para a gente e é ideal, só que o Museu, por ser museu, não pode entrar na

Lei de Incentivo. Está para ser feita uma correção na Lei que é da Prefeitura, e lá vai ser colocado porque nós fazemos o que? Nós somos “guardiões do Esporte” da cidade, só que não podemos captar este recurso, então o que acontece, vai ser feita esta correção na Lei para o museu poder captar recursos. Já foi feito o pedido, só que foi para a Câmara, votou, não aprovaram...

Aidê: Mesmo então que o patrocinador do time de rugby queira financiar esta exposição, ele não pode?

Djalma: ele até pode... Ele não vai ter nenhum tipo de incentivo, para ele, ele não vai ter nenhum abatimento de IPTU, ou qualquer imposto ele não é abatido.

Aidê: Municipal não, mas ele pode conseguir Federal?

Djalma: Olha, também não, porque o Federal realmente quem tem que entrar com o pedido é o Museu. É tipo do Estado ou do IBRAM, quem entra com o pedido é o Museu. Há dois anos nós entramos no IBRAM, o projeto passou só que ele ficou com uma classificação bem baixa, entendeu, então aí, não dá. São José com classificação assim. Então qualquer incentivo que se tentar do governo é raro conseguir patrocínio. Esse ano, provavelmente, já foi aprovado, mas ainda falta a documentação do Museu para participar do “Projeto Cultura é Currículo”, Você já ouviu falar? Então, já está praticamente aprovado, só falta finalizar a documentação, aí o Museu vai começar a receber as crianças do Estado. O Estado financia ônibus e lanche para as crianças, num raio de cem quilômetros de São José. Já está previsto, se der tudo certo nós vamos trazer cinco mil crianças ainda este ano do Estado.

Aidê: Existe alguma participação efetiva do público na, no funcionamento do Museu, se o público quando vem aqui, por exemplo, faz sugestões? Como que é feito o controle deste público, se vocês têm um livro de registros?

Djalma: Faz sugestões. Tem uma sugestão na caixinha de sugestões, que é para montar a exposição de futebol feminino. Já pediram, estava previsto, só que gente está esperando inaugurar o espaço novo para montar mais duas ou três exposições, aí vai entrar. Às vezes acontece de a gente montar uma exposição que foi pedida, só que aí é avaliado. O futebol feminino já estava previsto porque alguém pediu e a gente fez uma avaliação do feminino. Foi pedido para colocar nesta sala para quem vai sair. Até direcionaram onde que queriam que fosse colocada a exposição. Aí tem que ser avaliado. E a outra pergunta...

Aidê: É se o público participa?

Djalma: Tem gente que pede bastante, entendeu? Pede e às vezes vem e pergunta de porque a foto dele não está exposta? O museu não promete que vai expor muito o material de doação. A gente fala que vai ficar no acervo para pesquisa e se caso tenha um evento colocamos na exposição. A maioria das pessoas coloca as sugestões na caixinha, mas pelo site, tem bastante também.

Aidê: E o museu faz alguma exposição externa? Ele leva alguma coisa do acervo para outro lugar?

Djalma: As escolas emprestam, a gente empresta para as escolas o material e nós já temos algumas parcerias com algumas professoras que já conhecem o Museu. É só ter um tema legal. Eles dão trabalho para os alunos montarem a exposição, e qualquer coisa eles vem para cá e a gente empresta para a molecada os dvds, banners, e até ali tem um banner que a gente vai usar amanhã. Livro, a gente tem vários livros também, a gente empresta para a molecada e para a escola e eles montam. O ano passado teve uma escola que montou várias exposições, e aí uma exposição era sobre? O futebol. Aí vieram aqui, buscaram material do futebol e levaram para a exposição. E temos também uma vez por mês um projeto da Prefeitura chamado “Ação Juventude”. É eleito um ponto na cidade, que vai receber a montagem que nós fizemos. É num centro esportivo, ou num centro comunitário onde tem esporte, e a gente monta uma tenda de esporte, onde tem banners, leva o computador, para acessar o site, e leva os banners e leva as fotos. Lá, divulgam o museu, estudam o material, que nós criamos. Este evento já é fixo, é uma vez por mês, aí tem os avulsos que as escolas pedem. Como já aconteceu com uma Fundação que tem aqui em São José que resolveu fazer um trabalho para os alunos e unir duas matérias, Educação Artística e Educação Física, e construir uma maquete. Nós demos uma orientação, porque o pessoal conhece a minha formação, sou da área de desenho industrial. Então a gente fez um workshop com a molecada. Fizemos a maquete por fases, tudo certinho, com o trabalho, com a metragem, iluminaçãozinha, tudo.

Aidê: E estas ações educacionais que são feitas pelo Museu. A maioria vem com sugestões de fora ou no calendário do Museu existe uma ação voltada diretamente para as escolas?

Djalma: Não, não. Eles que pedem, às vezes já aconteceu de até um Colégio particular falar assim, “Djalma eu preciso...” A gente montou pro Colégio Anglo uma apresentação voltada para um período só, de fotos? A gente monta, pega as fotos aqui, monta naquele software que tem no making, fácil de montar.

Aidê: A programação que é montada aqui é só para a exposição daqui?

Djalma: Daqui. Mas tem outro projeto da cidade que é da Trilhas, da Fundação Cultural, eles têm ônibus. Eles pegam as crianças na escola e levam aos pontos turísticos da cidade, de lá, passam por aqui, e a gente faz a visita guiada. Mas eles acabam voltando com os pais, com as mães. É uma ideia interessante, pois é uma ação cultural e que move todos os centros culturais da cidade.

Aidê: É uma ação da Secretaria da Cultura e o Museu faz parte deste roteiro...

Djalma: Faz parte do circuito deles, e tem bastante criança.

Aidê: Voltando agora para o acervo de vocês, quais são as principais modalidades expostas aqui. Começou, pelo visto, pelo Futebol, não é?

Djalma: Pelo futebol. Tudo é futebol.

Aidê: E como foi esta mudança, esta transposição?

Djalma: Eu vou explicar porque quando eu vim para cá todo mundo chegava aqui e falava “aqui que é o Museu do Futebol”? E eu falei, “eu vou ter que mudar isso!” Primeira coisa é... A gente se encontrou no futsal e montamos uma exposição de futsal. Que a nossa ideia era mudar não completamente. Se você viesse aqui há cinco anos, o museu era uma coisa. Agora, o museu, teve uma mudança muito grande, tanto no visual, na aparência, no material exposto, qualidade e modo de expor, no geral. Aí montamos. Eu comecei a arrancar todos os painéis que tem aqui, enchi isso aqui de estagiário, fiquei com cinco a seis pessoas para desmontar e montar. Então fizemos isso e montamos uma exposição diferente com a sala, mudamos a cor da sala, para chamar atenção. Vamos montar uma exposição diferente só sobre a mulher no esporte. Mudou completamente o público. Você muda o público por causa do tema da exposição. Pintamos de cor vermelha. Colocamos umas coisas diferentes, nossa! Fizemos um coquetel de abertura, na inauguração teve um debate, teve mais de mil pessoas por mês. Mudou muito. Aí quisemos montar a exposição do São José nesta salinha, onde é a sala dos troféus. Nosso Clube merece, porque se o clube não tem condições de manter um centro deles, vamos montar aqui uma exposição permanente do Clube. Montamos. Só que a salinha era pequena e tinha muita visita. Então vamos dividir a sala em duas e vamos montar uma permanente. Aí montamos uma do futebol permanente. Porque o futebol é... Futebol, na boa, é São José Sport Clube! É para expor, só o material do Clube da cidade. O pessoal gosta muito, é a mais visitada. Montamos, e aí São José foi campeão do basquete. Pensei, “bom, ah, vamos ter que montar uma”. Então emprestamos uma sala aqui, no andar de cima, porque não tinha espaço. Montei uma exposição grande, muito legal. Lá é piso de madeira. Fiz marcação de basquete no chão, ficou muito legal. A equipe veio no dia da abertura, à noite, muito legal, aí passou o mês da expiação. Aí eu pensei, “basquete tem que ter, porque tem relevância e agora estamos em alta também.” Então fomos para a sala desmontar, fizemos um recorte. Esta sala de basquete tem um recorte da exposição, porque lá em cima a gente tinha janelas, montamos fotos de dois metros por um e pouco tampando toda a janela. Ficou muito legal, mas aqui não deu para usar. A gente teve que fazer a adaptação e contar com o que a gente tem do basquete. Tiramos a exposição de lá e a gente reduziu a das mulheres, ficou menor, então vamos colocar agora a natação. A natação de São José também é um ponto forte. Aí veio agora o Pan, com a X Semana Nacional do Museu e a ideia era colocar lá. Só que a natação eu acho que ainda não está num ponto bom de ficar. Então a gente vai abrir um espaço na sala da nova sede e vai colocar um pouco, e depois a gente vai começar a do futebol feminino, que é a próxima que será montada. Talvez seja aqui ou no espaço novo.

Aidê: E quanto tempo mais ou menos estas exposições temporárias ficam?

Djalma: A ideia é seis meses, acaba ficando até um ano.

Aidê: Depende da procura?

Djalma: Depende, e se cai muito, a gente muda. Que nem agora está prevista, não sei, a ideia nossa é este ano tirar esta de basquete também, e colocar outra.

Aidê: E vêm pessoas de outras cidades?

Djalma: Ah, vem. Tem gente que é de fora do Brasil, tem gente que pega foto, tem gente que doa foto também, faz a reposição de foto, você chega e pede. Tinha uma menina da nataçãõ. Ela descobriu na nataçãõ, através da internet porque estava fora do Brasil. Ela veio para São José porque ela morava aqui e veio ver os parentes dela, e veio ver a exposiçãõ. Tem a foto dela lá, da equipe. Ela veio aqui, pediu cópia, a gente fez a reproduçãõ no laboratório e ela levou a foto embora.

Aidê: E este trabalho de história, de levantamento histórico, quem é que faz isso? Tem algum profissional?

Djalma: Então, a gente tenta aproveitar ao máximo, quem está doando a foto. Ainda não temos um setor de pesquisa, de história assim para aprofundar.

Aidê: Mas este contato que você tem com a pessoa, é registrado? Eu estou fazendo esta entrevista com você e eu estou gravando...

Djalma: Não, não. Nada é registrado.

Aidê: Nada é registrado?

Djalma: Nada, oralmente, nada... Na verdade é assim, aqui o único funcionário que tem sou eu, as meninas são todas estagiárias e ele é bolsista. Ele é pior ainda, ele é bolsista. A gente não tem estrutura. Por isso é que eu digo que agente não tem ainda que divulgar muito o museu. Se divulgar muito a gente não consegue...

Aidê: Então estas memórias são registradas, escritas?

Djalma: Escritas, ele tem uma planilha, ele anota tudo. Chegou ontem, veio um e-mail da mulher que falou... Antes de ontem, e falei assim, “anota tudo atrás”, e ele anota tudo certinho, “escreve tudo aí, anota, não regula, anota tudo por causa disso, se algum dia precisar, você encontra”. Vou dizer uma coisa para você, a gente tinha um projeto também além do Ídolo do Esporte. Seria a parte oral deles. Feito entrevistas, feita a edição, deixar publicado. Só que já faz três anos que a gente está correndo atrás disso e não conseguimos um historiador, porque na verdade, é um historiador que tem noções de biografia, para legalizar. Hoje nós temos as biografias e estamos fazendo no museu. São aquelas que estão todas, na verdade, irregulares.

Aidê: Agora, o público que vem para cá, se interessa mais por uma modalidade específica?

Djalma: É assim porque às vezes, alguém pergunta “nossa, por que é que não tem foto da capoeira?”. Acontece muito. O handebol também, já aconteceu. Isto é questionado o dia inteiro. Então a gente orienta que o site do museu, tem material, pode entrar lá. Aí orienta a pessoa também, caso tenha foto e quiser trazer para avaliação, pode trazer e ver se fica no museu. Isto é rotina.

Aidê: Se chegar uma escola aqui, qual é a modalidade que a criançada mais procura?

Djalma: É futebol. Futebol, e às vezes eles perguntam “tem foto do Pelé? Tem foto do Zico? Tem foto de... time, tem foto do time do Corinthians?” Futebol...

Aidê: Qual é o papel do atleta nesse processo? Tem muitos atletas que procuram o centro? Como é que é o papel do atleta em si?

Djalma: Hoje em dia o atleta que dá mais valor a este tipo de história é o pessoal que não está mais na ativa. Eles sim dão mais valor, porque o pessoal atual realmente não. Nós temos hoje as equipes competitivas da cidade, isso já é rotina. Jogos Regionais, Jogos Abertos, da Juventude, a rodada do interior, os atletas não precisam se preocupar em trazer o material, isso é normal.

Aidê: Isso já é documentado naturalmente?

Djalma: É, naturalmente, porque a Prefeitura manda a imprensa. A assessoria de imprensa sabe que aquele esporte vai porque é feito um “hot site” de todos os jogos e é publicado no site. Aí divulgam, além do museu que divulga o que está acontecendo. E a partir desse momento é automático, a gente pega os DVDs, faz o levantamento. Teve um evento aí, uns Jogos Abertos, que eram onze DVDs, mais de dez mil fotos. Aí era digital e você fica um mês vendo foto. A gente faz isso também, se tem esporte que está precisando, que está carente de material, fica mais, mais foto. Esporte que não tem, não compensa ficar, ficam uma ou duas. Ginástica artística, ginástica olímpica, a capoeira, handebol, tem umas modalidades que a gente tem pouco material, então acaba absorvendo mais material para compensar e aí faz esta avaliação.

Aidê: Mas aí o atleta não procura, ele não vem até aqui?

Djalma: Não, ele só vem quando as fotos já estão expostas, eles pedem também reprodução. A gente pode fazer. Isso está lá no fundo, essa exposição permanente, tem as fotos antigas, só que como eu não tenho espaço de expor as atuais, o que a gente faz? Lá no fundo tem as duas TVs que ficam rodando todas as fotos do ano passado. Jogos Regionais, Jogos Abertos e da Juventude, ficam lá, as que são selecionadas, a gente põe no museu.

Aidê: E nesse meio dos atletas, na cidade, porque o museu gira em torno disso, existe algum considerado ídolo da cidade? Algum atleta que todo mundo da cidade comenta, todo mundo conhece?

Djalma: Hoje é o Tião Marino. Que é aquele um que está na exposição do São José.

Aidê: Mas e do pessoal mais antigo?

Djalma: Do pessoal mais antigo, nós temos o Zezinho Fighi.

Aidê : E estes ídolos, eles são considerados ídolos só pelos feitos atléticos ou eles têm uma influência na sociedade, na comunidade, nas escolas, que possa fazer com que isso permaneça?

Djalma: Não. Não tem. Tem o Zezinho. Hoje, na cidade, não tem nada que fale dele, só vai descobrir se vier aqui. Agora, o Tião Marino, não. O Tião Marino, se você for num jogo do São José, tem uma bandeira dele lá. Até nesta foto que tem aqui, a torcida do São José pediu. Eles queriam fazer a bandeira. Mas aí fizeram uma bandeira do Tião Marino, mas com outra foto.

Aidê: A gente viu os ídolos que tem mais exposição midiática, são pessoas que acabam se envolvendo de alguma forma com o trabalho mais voltado para o social, então...

Djalma: Não, não sei...

Aidê: Por exemplo, o Raí, é um atleta que se voltou para a ação social, na ONG Gol de Letra. Então, é conhecido mundialmente, embora no Brasil, não se tenha tanto reconhecimento disso. Não tem ninguém, que possa estar aqui exposto que tenha esse...

Djalma: Que tenha algum trabalho social? Não tem. É complicado, até adoraria que tivesse, bastante. O único que tem um projeto aí legal é o rugby. O rugby porque existe o Rugby Competitivo e a própria equipe tem Rugby Social que tem na parte de 150 crianças. Eles montaram as escolinhas, dão aula, através do patrocínio e da lei de incentivo. Não sei exatamente como funciona. Acho que eles dão lanche para as crianças. Tem a equipe competitiva e tem o Rugby Social. Então, provavelmente eles vão ocupar os atletas de destaque e vão colocar na equipe competitiva da cidade.

Aidê: E lá para eles existe toda uma estrutura de marketing?

Djalma: Tem, tem... Eles têm. A gente vai organizar a exposição e vai falar do Rugby Social. Nossa, a única equipe de São José que é prontinho, bonitinho, é o rugby. Eles têm um site bonito, tem todas, galeria de foto.? Os textos deles, é muito legal.

Aidê: Este material todo que vocês têm, são vocês mesmos que fazem, esta manutenção, ou tem uma equipe voltada para isso?

Djalma: Não, é tudo nós. Com as regras da limpeza agora, aí é proibido por a mão. Luva sempre, não usar o espanador, pano, uma flanela branca, de preferência passar, por que é assim, existem alguns produtos que você pode fazer a limpeza, mas como não tem como ficar controlando, então é melhor não, não usa!

Aidê: Existe algum trabalho de restauro?

Djalma: Então, os diplomas nossos, é... O ano passado foi realizado o restauro, porque na época, eles ficaram mais expostos nos quadros de vidro. Então imagine como ficou. Acabou. Aí contratamos um restaurador para fazer, ficou por vários meses. Alguns foram para o SENAI de São Paulo, teve que fazer lavagem, ou dividiram os diplomas em várias partes e colaram com “durex”, Mas aí a gente paga particular. O que a gente faz é assim, é a prevenção, algum diploma não foi feito restauro, foi feito por nós mesmos. Colamos a fita nele, aquela fita própria, que passa um pano em cima com o ferro quente e volta, mas a gente tem uma qualificação para fazer isso, só a manutenção, a higienização dele. O restauro, só gente especializada.

Aidê: Qual é a sua formação?

Djalma: Eu sou formado em desenho industrial, mas eu tenho uma qualificação através do Museu Histórico Nacional do Rio, em conservação, preservação. Porque quando eu vim para o museu, eu vim não para cuidar do museu. Só que eu fui me qualificando e aí peguei a supervisão, e acabei de qualificar lá. E hoje, além de eu cuidar do museu, eu sou representante do SISEM (Sistema Estadual de Museus), aqui no Vale. Além de eu cuidar daqui eu dou as orientações para 38 museus também. A gente faz isso, com cuidado, a gente tenta ajudar instruindo quem não sabe.

Aidê: E você conhece outras instituições que fazem este tipo de trabalho aqui na região de São Paulo?

Djalma: Então, tem alguns museus pobres, aqui no Vale nossos museus são tudo carentes, tudo carente, até foi pedido o ano passado para o SISEM se este ano a gente podia estar trabalhando com esta parte de conservação. Até estava com um documento na parte de conservação. O que acontece? O Estado precisa liberar para a gente uma oficina de conservação de acervo fotográfico, mais outra oficina de conservação ambiente que não tem o tema, porque talvez seja de conservação genérica, forma de cuidar, e mais uma palestra de conservação. Isto vai ser para os 38 museus.

Aidê: Na verdade você é a parte central da preservação geral do Vale do Paraíba?

Djalma: Sou o elo. Acabei de acertar aqui, a conservação de acervo fotográfico, vai ser feito na Fundação Cultural aqui em São José porque vai ser um laboratório e tem outras coisas. Já conversei aqui com o Donato que é do arquivo, ele falou “Djalma, a gente aceita fazer aqui essa oficina, até uma visita, uma mostra pro SESC de fotografia e tudo”. E agora eu estou negociando com as cidades. A gente vai rodar a oficinas nas

idades numa ação educativa também. E a ideia é assim, porque os museus, em si, no Vale, as pessoas nem vão qualificar para trabalhar no museu.

Aidê: Mas aí em outros setores também, não só no esporte?

Djalma: Não, no geral, qualquer tipo de museu pode participar das oficinas. O público que quer participar destas oficinas são os que vão trabalhar, ser funcionários de museus.

Aidê: Como que é feita esta divulgação do museu e das exposições?

Djalma: Ah, isso ajuda a gente muito. Na semana passada, a Band Vale veio aqui e fez a matéria dessa exposição do corredor, aí fez uns lances da exposição da natação e do São José, porque toda vez que abre uma exposição, a assessoria de imprensa da Secretaria, a gente passa para eles release, folder e espalham para imprensa, espalham para qualquer tipo de mídia que tem no Vale. Aqui, nos sites, sai em vários um material gráfico, uns cartazes, tem uns desenhos educativos. Primeiro a gente manda uma remessa para as academias, depois para escola particular e municipal. Estado não. Depois que enviamos o material eles ligam.

Aidê: E as escolas vêm mesmo?

Djalma: Vêm. Mas tem muitas escolas que não tem condições de vir. Este projeto vai suprir esta demanda. Quem vai participar é só o Estado. Aí o professor liga “Ah Djalma, você tem cinco ônibus pra vir buscar as crianças?” Eu não tenho condições de dar ônibus. Esse projeto já está pronto, só falta passar pela avaliação jurídica por ser ano eleitoral.

Aidê: Aí este projeto é voltado pro Museu do Esporte, não para aquela da Fundação Cultural?

Djalma: É só nosso. Não, não, aquilo é outro projeto da Fundação Cultural. Agora esse aí vai depender do Jurídico para ver se vai liberar para a gente participar ou não do projeto por ser um ano eleitoral. Vai ter umas mudanças aí na parte gráfica, e a gente vê alguns materiais.

Aidê: Está bem, então Djalma, obrigada por sua colaboração.

Djalma: Eu que agradeço.

APÊNDICE 2

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA NO MUSEU DO FUTEBOL SÃO PAULO - SP

DATA: 17/02/2012.

ENTREVISTADA: Daniela Alfonsi, Coordenadora do Núcleo de Documentação, Pesquisa e Exposições do Museu do Futebol.

O Museu do Futebol de São Paulo se localiza no Bairro do Pacaembu, na cidade de São Paulo, ocupando uma área projetada para este fim, sob as arquibancadas do Estádio Paulo Machado de Carvalho, o Estádio do Pacaembu.

Aidê: Por favor, gostaria que você me falasse primeiramente, um pouco do histórico da instituição.

Daniela: O Museu foi inaugurado em 29/09/2008, mas o seu projeto de implantação começou muito antes, começou em 2005, com três anos e meio de preparação. Em 2005 com uma grande ideia, a ideia de que o Brasil precisava ter um espaço para celebrar a memória do esporte que o fez “sair para mundo”, na verdade é uma grande homenagem ao Futebol, desde o início pensou-se em ser um espaço consagrado ao Futebol, à memória do Futebol. E aí foi surgindo, foi uma ideia que começou a ser cogitada em 2005, como eu falei, e na época o Prefeito de São Paulo era o José Serra. Ele tem uma história assim, meio mito de origem do museu, que eles estavam em um jantar, com alguns jornalistas esportivos, como o Juca Kfourri, por exemplo. Sempre falavam em ter um museu dedicado ao futebol no Brasil, porque não tinha, e conta-se que levaram isso pro Serra quando era prefeito que resolveu encampar o projeto. Aí ele chamou a Fundação Roberto Marinho, uma empresa que tinha feito a pouquíssimo tempo, estava fazendo o Museu da Língua Portuguesa que foi inaugurado em 2006. Então a ideia era que fosse um projeto de museu muito coirmão do Museu da Língua Portuguesa. A ideia de ser um museu interativo, mais ecológico, com recursos audiovisuais e que tivesse um grande apelo de popular, isso muda muito para o visitado. A ideia de criar um museu, mas não um museu do formato mais tradicional, com coleções, com objetos nas vitrines, então a ideia é que fosse um museu mais atrativo deste ponto de vista. E aí fizeram o projeto, todos aqueles trâmites pra iniciar um projeto, conseguir recurso, tal, e a obra mesmo, do projeto, a obra mesmo começou em 2006, 2007. Para montar este museu, a Fundação Roberto Marinho fez uma gestão de várias empresas e várias pessoas. E ela montou um time que foi o time principal que é responsável por esta concepção desse museu como ele é hoje, que é para a expografia. Para a parte cenográfica, a Daniela Thomas e o Felipe Tassara. Para a curadoria o Leonel Kaz, para a arquitetura, o Mauro Munhoz, e para a direção de arte, o Jair de Souza. Esta equipe, ela trabalhou muito em conjunto. Então, precisava de um arquiteto porque a gente ocupou o Estádio. O Estádio tinha outros usos e precisava transformar isso aqui num museu, numa área expositiva

enfim, precisava criar uma cenografia para exposição. Precisava ter uma curadoria pra definir os conteúdos, o que seria contado nesse museu, e a direção de arte da programação visual. Então esse foi um feliz casamento, digamos dessas quatro equipes...

Aidê: Isso permanece até hoje?

Daniela: O Leonel Kaz permanece até hoje, ele é o curador do Museu. Quando o Museu é inaugurado em 2008, a Fundação Roberto Marinho entrega as chaves e fica sob a gestão da Secretaria de Estado da Cultura, por meio de um contrato de gestão como Organização Social. Então eu trabalho aqui, eu sou funcionária do instituto chamado Instituto de Arte do Futebol Brasileiro, que tem um contrato de gestão com a Secretaria do Estado de Cultura para gerir este museu. É a forma de gestão que a Secretaria utiliza em todos os museus do Estado. Então a Pinacoteca, o Museu da Língua, aqui, o Museu do Futebol, o Museu da Casa Brasileira, todos os museus estaduais tem esta forma de gestão.

Aidê: Então é subordinado à Secretaria da Cultura, não tem nada a ver com a Secretaria dos Esportes?

Daniela: A Secretaria dos Esportes, ela foi muito parceira no projeto porque o Estádio é da administração da Secretaria Municipal de Esportes, então a Prefeitura teve que ceder esta área que o Museu ocupa para o Estado para a gente poder implantar o museu. Foram feitas uma série de acordos e parcerias, a Secretaria entrou com recursos financeiros na implantação do Museu, até hoje ela é uma grande parceira. Mas a gestão, a gestão do Museu está dentro da área da cultura porque ela segue a gestão dos outros museus da cidade e do Estado. Então nesse ponto a gente segue essa linha.

Aidê: Você tem alguma noção assim de porque só o Futebol? Por que não aproveitaram esta equipe toda pra fazer alguma coisa de esporte no geral?

Daniela: Então, é só Futebol, mas por outro lado não é. Eu vou explicar por que. A escolha foi futebol, chamar Museu do Futebol, que é de fato uma homenagem a este esporte. Isto está bem claro desde o início. Acho que o Brasil tem destaque agora cada vez maior, em outras modalidades esportivas, mas de fato foi o futebol que levou o Brasil a uma posição internacional de primeira instância, que é o esporte que mais profissionalizou no país enfim, dá para se ver toda a história dos nossos mais (?) da CBF e tudo isso, COB, tudo isso. Então tem de fato uma presença, tem de fato uma grande homenagem ao futebol. Só que o Museu é um museu de história, na verdade, é um museu que conta a história do Brasil, e como que o futebol no Brasil está junto nesta história cultural e social, então ao analisar deste ponto de vista, e não é um ponto de vista só esportivo, mas que visa mais o histórico e social, a gente abre espaço para falar de algumas outras modalidades esportivas. Claro que isso é coadjuvante, não é o discurso central da exposição, mas o Museu permite falar de uma vida cultural, social e

esportiva do Brasil paralelamente à do Futebol. Então, lá na Sala das Copas, por exemplo, você pode ver que tem, são oito totens, como se chamam os painéis, aquelas taças, a gente sempre botou fotos das Copas do Mundo, mais do que estava acontecendo no mundo cultural e esportivo também, no Brasil e no mundo. Então tem lá, tênis, boxe, natação, equitação, tem uma série de modalidades que estiveram em destaque nas respectivas décadas, para preservar o que este esporte está representado.

Aidê: Como é que vocês fazem essa eleição de conteúdos, por exemplo, para montar uma sala específica, um cenário, como é que surge esta ideia?

Daniela: É assim, antes a gente tem que diferenciar duas coisas do Museu. Uma coisa é a exposição de longa duração. São quinze salas, a mesma exposição que já está fechada. Ela inaugurou, é claro que a gente faz alguns aprimoramentos, adaptações, mas em princípio ela, ela é fixa.

Aidê: Permanente?

Daniela: Permanente. Para isso foi feito, a Curadoria trabalhou com uma equipe de consultores, vinte pesquisadores e especialistas, e foi definindo o conteúdo ao longo do processo de montagem do Museu. Então o Leonel, que é o curador, partiu de uma ideia, de um argumento, e esse argumento é o que eu te falei, que o Futebol, no Brasil, está imbricado na vida cultural e social do brasileiro, então, que para contar a história do futebol, precisava falar do Brasil, precisava falar desses grandes personagens da formação social do nosso povo, da relação dos negros com os brancos na sociedade, do crescimento urbano, com a cultura brasileira de um modo geral, nas artes, na dança, na música. Então ele partiu desse argumento e a partir disso foi construindo sala a sala, mais ou menos de acordo com o que seria este percurso expositivo que é um percurso narrativo também. O Museu, depois de inaugurado, passou a fazer as exposições temporárias. Você viu a que está lá embaixo, chamada “Vestiário”. Aí é uma equipe. O Leonel também é o curador, mas aí essa equipe, é gerida na verdade, aqui dentro do Museu. Eu coordeno uma das áreas que participa dessa concepção dessas exposições, dentro da diretoria de conteúdo, e aí dependendo do tema a gente chama a equipe de especialistas específicos para o tema que a gente vai trabalhar. Então a gente já trabalhou com “coleccionismo”. Então a gente abordou isso, que o futebol extravasa tanto a vida que faz parte ali do campo ou do próprio estádio, que as pessoas passam a colecionar objetos, como camisa, botão, flâmula. É sobre futebol e a vida funciona, na verdade é colecionar. A pessoa não é atleta, ela não vai ao jogo no estádio, mas ela tem a relação dela com o futebol, passa por outras coisas... A gente já trabalhou com exposição de fotografias de futebol jogado na rua, aí dependendo de cada tema de exposição, a gente monta uma equipe para escolher os conteúdos. Mas a escolha é sempre partindo de uma diretriz. Uma ideia gera, um conceito é gerado das pessoas e em cima disso a gente começa a pesquisa, vê o tipo de material que está disponível e escolhe.

Aidê: E vocês fazem reuniões periódicas para isso ou vem uma pessoa aqui e faz uma sugestão, “Por que vocês não fazem uma exposição...?”, aí aparece uma ideia e vocês investem nesta ideia?

Daniela: Realmente tem um pouco das duas coisas. A gente tem reuniões para tirar pautas de temas, mas também às vezes surge, que nem esta “Vestiário”, ela começou a se pensar nesta ideia porque o fotógrafo, Gilberto Perin ia lançar o livro e veio aqui no Museu e apresentou o material dele, que são fotos tiradas no vestiário. Então, a partir dessa primeira apresentação a gente pensou em como fazer a exposição abordando este tema, desse lugar que é um lugar meio mítico, que ninguém hoje entra mais, que é o vestiário. Mas foi a partir da... Chamou atenção para este tema o fato dele trazer o material, mas isso é muito caso a caso, é assim, tem as duas coisas, tem gente que vem oferecer um tema, vem com o material e tem reuniões internas que definem temas e a gente vai atrás dos conteúdos.

Aidê: E já aconteceu de alguém chegar e fazer uma proposta de uma exposição. (Eu vi que aqui é tudo neutro, não é? Não tem partidatismo nenhum.) Mas já chegou alguém aqui e disse “eu sou de tal time, assim, assado, eu quero, eu pago, eu faço...”?

Daniela: Já, os clubes. Já aconteceu principalmente agora com os times que estão comemorando 100 anos. Então, na época o Corinthians ia fazer cem anos. Veio uma equipe oferecer uma exposição, agora o Santos também. O que acontece, a gente optou por neste momento não trabalhar, até este momento, não trabalhar com um clube específico. Porque se a gente fizer para o primeiro a gente tem que fazer com todos. O Museu não é o museu de um determinado clube, é um Museu que fala de futebol de forma geral. Os clubes estão representados na exposição de forma bem pontual. Então aqui embaixo a gente tem o Fichário, tem uma ficha gigante com informações de todos os clubes que participaram do Campeonato Brasileiro desde que chama Campeonato Brasileiro, a partir de 71. Então o que vem antes, a Taça União, isso não está, nesse momento. Aí tem algumas inf... Tem aqui, a gente fala de Gols, normalmente aparece um gol que não é um gol de Copa do Mundo, mas é um gol de campeonato interclube, mas é sempre a partir dos temas mais genéricos, e não assim, vamos fazer uma...

Aidê: É mais voltado para a plástica do que propriamente para a tendência?

Daniela: É, isso, exatamente! Até porque a gente está falando do gol, do drible e da defesa, a gente não está falando do Corinthians, do Palmeiras ou do São Paulo. Agora, a gente procura fazer uma programação cultural que aí não é exposição, mas são eventos de excelente nível: filme, palestras... E aí a gente traz a temáticas mais políticas. Assim, a gente já fez eventos envolvendo assuntos referentes ao Corinthians, fez com o São Paulo. A gente tem uma equipe de pesquisa que está indo aos clubes, não só os grandes, mas os clubes de várzea, os times de outras cidades, a gente está trazendo as informações, e aqui nesta sala que a gente está, daqui a uns meses vai se transformar em uma biblioteca, e vai ter computadores para acessar a base de dados do Museu. E nesta

base de dados vai ter informações de clubes, de campeonatos, vou pôr tudo que não está na exposição. Nesta base de dados vai ter tudo o que está na exposição e um pouco mais, o que não está também.

Aidê: E aqui também não tem muitos objetos, como troféus, coisas mais voltadas para identificar uma vitória específica, um campeonato específico? Não tem espaço para isso ou não faz parte da ideia?

Daniela: Cogitou-se no início da implantação de trazer estes objetos, troféus, flâmulas, bolas, mas com o desenvolvimento da curadoria isso foi, digamos, não foi trazido porque a opção foi mesmo de trazer mais material audiovisual. O museu é mais argumentativo, ele é mais narrativo do que nesse ponto... Optou-se por mostrar uma vitória por meio de um filme, por meio do gol, da celebração, da torcida e tal do que pelo objeto do troféu, e também porque estes troféus geralmente são relacionados às Confederações, Federações e aos próprios times. Então são troféus dos campeonatos e os campeonatos são organizados por alguma entidade, então isso tem a ver com sua identidade, a gente acredita que o lugar disso na verdade é na entidade que organizou.

Aidê: Mesmo os troféus da Seleção Brasileira?

Daniela: É. A CBF tem o seu acervo e também fala em fazer o seu próprio museu, então, a gente imagina que nem ela, também não vejo nenhum desejo da CBF de trazer esta material para cá. Nós já fizemos e nada impede isso, que em exposições temporárias se tragam estes objetos. Já foi feita uma exposição sobre Copas do Mundo onde a gente trouxe uma réplica na verdade, fizemos uma réplica da Jules Rimet, para falar do Brasil, de toda a sua história. Mas não é que nós não queríamos trabalhar com este tipo de objeto. Acho que tudo depende do projeto, depende da situação. Então pode acontecer que no futuro a gente faça uma exposição e traga o troféu verdadeiro, aí com todos... Isso tem que ter, isso tem que estar relacionado ao tema que a gente vai desenvolver na exposição.

Aidê: Quem financia todo esse trabalho? Está sob a guarda da Secretaria do Estado da Cultura?

Daniela: A Secretaria do Estado da Cultura. Só que nós também buscamos patrocínios para os projetos. A gente tem contrato de gestão com a Secretaria, em média este contrato cobre 70% dos custos do Museu, então 30% a gente é obrigada a captar. Esta captação é desde receita própria, com bilheteria, locação de espaços, a loja e o bar são espaços locados. Este recurso vem por cima do museu e há projetos patrocinados. A exposição Vestiário, por exemplo, nós nos inscrevemos na Lei de Incentivo à Cultura do Governo Federal, aprovado o projeto, abriu-se para captação. Conseguimos captar patrocínio e aí se realizou. Então é um mix, a Secretaria, do Estado paga uma parte dos custos do Museu...

Aidê: Mas de qualquer forma você tem que ir atrás de patrocínio?

Daniela: Tem que ir atrás, principalmente para realizar os projetos porque o que a Secretaria paga é basicamente o funcionamento ordinário do Museu: abrir todos os dias, pagar os funcionários, a parte de infraestrutura, manutenção. Mas para fazer projetos novos, para fazer exposições, aí tem que ir atrás de recursos.

Aidê: **E como que é a participação do público com relação ao acervo? O público vem, ele faz críticas, ele faz sugestões, procura de alguma forma participar do processo todo? Pedem para vocês fazerem alguma exposição fora daqui? Existe esta possibilidade de levar uma parte do acervo para outros lugares?**

Daniela: Essa parte é mais legal do Museu. Acho que o público participa demais. O tema, todo mundo é um pouco especialista em futebol no Brasil, todo mundo tem alguma coisa a dizer, vai lembrar aquele jogo. É um universo muito comum, as pessoas sabem muito falar sobre isso, então o pessoal vem para a exposição e ao contrário de um museu de arte, que tem aquela coisa mais sóbria, que as pessoas ficam mais caladas, aqui dentro do Museu elas conversam muito entre si, falam muito. Ainda que não seja um acervo tão tradicional, porque é mais de fotografias e vídeos, ele suscita nas pessoas muito diálogo, muita interação. E aí nós recebemos também muitos e-mails com críticas ou com erros, ou com sugestões: “faltou vocês falarem do mais glorioso”, sempre vão ter as preferências individuais, não é? Nós recebemos, catalogamos e arquivamos esses dados, analisamos e sempre procuramos responder se tiver algum erro. Nós já chegamos a corrigir coisas dentro do Museu, refazer placa, refazer texto e legenda em cima de críticas de visitantes.

E quanto a levar o Museu para fora, a gente já fez algumas exposições itinerantes, duas exposições temporárias que foram feitas aqui no Museu, levamos para cidades do interior do estado, também bancado pela Secretaria de Cultura. Uma de fotografia chamada “Ora Bolas, O Futebol pelo mundo”. Levamos para Praia Grande e para Piracicaba em 2010. O ano passado foi feita uma exposição aqui chamada “Olhar com outro olhar”, que nós levamos para Araraquara. Mas sempre tem muito pedido para montarmos um stand num shopping. Sempre tem coisas relacionadas a eventos e é assim: “vamos fazer um evento aqui, no Campeonato tal, dois dias. Vocês não querem montar uma exposição?” Então explicamos que uma exposição demora tanto tempo pra ser montada que não vale a pena ficar dois dias. Uma exposição assim é outro tipo de coisa, não é uma exposição. Tentamos atender aos pedidos conforme o interesse e conforme a disponibilidade da equipe, o tempo para fazer. Agora estamos com um projeto aprovado na Lei Rouanet, de levar uma pequena parte da exposição permanente do Museu para as outras cidades-sedes durante a Copa. A gente quer começar no final desse ano, para quando chegar a julho de 2014, estar com a última exposição montada.

Aidê: **Todas as exposições serão iguais?**

Daniela: A base é a mesma, mas tem uma parte da exposição que a gente vai adaptar localmente, e na verdade é um resumo do Museu, a gente vai levar.

Aidê: Vão manter a mesma estrutura?

Daniela: Isso, isso, tem uma parte que a gente vai trazer curiosidades e dados de cada cidade.

Aidê: Como que as escolas participam? Existe algum projeto do governo que facilita o transporte das crianças para cá?

Daniela: Transporte não. A gente atende escolas, então nós temos subsídios educativos que atendem escolas, empresas, grupos no geral, de excursões sociais, escolas particulares, privadas. Damos isenção de ingressos para escolas públicas, mas a escola tem que trazer o aluno até aqui, o que é uma dificuldade. Então na medida em que a gente consegue, pedimos patrocínio para fazer projetos para que pague o transporte e o lanche das pessoas que trazemos, e aí a gente procura trazer pessoas envolvidas com o social. O Grupo Santander, por exemplo, patrocinou lanche e ônibus e a gente fez uma parceria com a Secretaria de Assistência Social, a SMADS e trouxe o público que ela atende, nos seus programas de assistência da cidade. E assim a gente faz atendimento com escola, com clube. Tem um programa onde se abre agendamento e as escolas ligam e marcam, e a gente faz projetos para levantar recursos para pagar lanche, alimentação e transporte para essas pessoas.

Aidê: Como que é o relacionamento dos atletas com o Museu? Eles vêm ao Museu, participam das atividades, fornecem materiais? Qual é a relação deles com o Museu?

Daniela: É, alguns vêm, acho que nem todos. É uma coisa que o Museu está procurando se aproximar melhor dos atletas. Nós começamos esta aproximação a partir de um projeto que iniciou o ano passado e chamava Projeto de História Oral onde a gente está trazendo todos os jogadores que participaram das Seleções Brasileiras em Copas do Mundo. Começou lá por 1954 com quem estava vivo. Trouxe e fez uma entrevista, a pessoa deu um depoimento longo, mais de duas horas, sobre a vida, desde a infância, passando pelas Copas. É uma forma de aproximar, principalmente esses jogadores mais antigos. Alguns, sim, vieram, participaram de eventos e a gente fez muito evento corporativo, depois do horário de funcionamento. Às vezes, um banco, uma empresa paga para abrir num horário especial para eles fazerem as entrevistas. Essas empresas costumam trazer jogadores, porque eles pagam o jogador. Nós não podemos pagar o jogador para vir, então a gente procura aproximar por meio destes projetos. Agora tem, de vez em quando, só que de fim de semana, mas vem meio anonimamente. Aí acaba sendo reconhecido pelo público que está aqui e conhece e reconhece...

Aidê: Então eles não se engajam nessas ações do Museu, de aproximar a criançada da história do futebol?

Daniela: Aí depende muito do jogador, por exemplo, quem fez isso um tempo foi o Basílio, que jogou no Corinthians. Porque ele tem uma ONG, hoje, essa ONG trabalha

com equipes de base, então ela já tem um trabalho social em outros lugares que faz com que ele traga estas pessoas, mas isso faz parte, do trabalho dele. Não é uma coisa do Museu. Mas tem muitos jogadores que a gente está entrevistando, hoje, por exemplo, a gente entrevistou o Félix, ex-goleiro. Ele tem uma empresa de autopeças, trabalha, tem outro tipo de trabalho que às vezes não passa por isso, como se o esporte fosse uma coisa muito do passado da vida dele mesmo, não faz mais tanto sentido, não é? Acho que depende muito do que o atleta, do que o ex-atleta tá fazendo hoje. O Raí que tem a Fundação Gol de Letra, já veio, já trouxe, já fez coisas para o Museu, fez eventos aqui, então depende muito.

Aidê: Dentre todos os atletas famosos, quem é o que o pessoal mais comenta?

Daniela: Não sei... É difícil pensar, mas aqui no Museu a gente dá um destaque especial para o Pelé e para o Garrincha. Tem uma sala em homenagem aos dois. Estas salas, as pessoas ficam ali e prestam muita atenção porque tem os vídeos, tem fotos dos gols, então isto tudo chama muita atenção. Aí depende muito da geração porque tem as gerações mais novas que, por exemplo, de crianças, assim que eu costumo muito perguntar, “e aí, quem é que você gosta de ver?” , aí depende da idade, é a sua preferência.

Aidê: Você acha que esta idolatria que as pessoas têm pelo atleta é pelo feito atlético que ele apresentou na vida, na carreira ou é justamente porque é uma pessoa que continua ajudando, promovendo ações no esporte? Porque, por exemplo, o Raí, é uma pessoa que tem uma ONG, faz um trabalho fantástico, não só na área esportiva, mas na área educacional, cultural. As crianças comentam isso, eles sabem dessa importância dele?

Daniela: Eu acho que não. Eu acho que é pela vida, dos jogos.

Aidê: Esportiva?

Daniela: Esportiva mesmo. Acho que o que marca mais é a atuação em campo sim. Acho que claro, tem pessoas que acompanham a vida do atleta depois da aposentadoria, mas o que se comenta aqui é por causa do que é mostrado aqui dentro, na verdade, é a vida do atleta em jogo. Então é ele na Seleção, no clube.

Aidê: Então aquele que não se envolveu diretamente com as coisas do futebol, cada um seguiu um ramo, uma profissão, eles acabam “morrendo”, teoricamente, no sentido de serem tão visíveis para público. E eu sei que tem muitos jogadores de futebol que passam até necessidade financeira. Sei de uma exposição com venda de bolas ou camisas autografadas que foi promovida aqui para levantar fundos para ajudar os jogadores antigos. Há uma preocupação do Museu com isso ou é alguém de fora que as promove?

Daniela: As camisas... Não, no caso desse evento, quem organizou foi a Associação de Ex-Campeões Mundiais que é uma associação presidida pelo filho do Gilmar que foi

goleiro em 58, o Marcelo Neves. Ele criou essa associação para ajudar, para conseguir recursos e ajudar os jogadores que hoje não estão em situações tão boas de vida, não têm aposentadoria. Ele levantou essa bola de “o jogador de hoje ganha tanto dinheiro, e esses caras que ganharam os primeiros títulos mundiais, não tinham nada”. A preocupação do Museu é com a memória. No Museu, na verdade a gente não tem condições de bancar projetos, que nem a associação. A associação tem projetos sim de passar uma lei, de aprovar uma lei na Câmara que garanta uma aposentadoria para os jogadores. O papel da associação é este, o papel do Museu não. O papel Museu é garantir a memória desse feito, a memória do esporte. Esta é a nossa missão. Então o que a gente está fazendo nesse Projeto de História Oral, é pensando nisso. Nós trouxemos aqui os jogadores da Seleção Brasileira, não importa se foi titular ou se foi reserva, de Seleção que ganhou Copa e que perdeu Copa. Estamos tentando pegar todo um período, a gente já fez mais de 70 horas de entrevistas, nós começamos por 54, aí pegamos os de 58, claro. Os de 58, que foi o primeiro título, têm técnico, time, tem os famosos, mas também tem os que foram reservas, e a ideia é que isto está sendo gravado em vídeo para ficar para consultar na internet, no banco de dados do Museu e no site do Museu. Então acho que a gente contribui de certa forma, com o não esquecimento dessas pessoas.

E foi muito bacana, a gente começou a primeira entrevista com o Cabeção. Foi um super goleiro do Corinthians, mas foi para a Copa de 54 como terceiro goleiro. Então ninguém nem lembra de verdade como foi que ele estava lá, na Copa de 54. E aí ele contou como é que foi sair do país, fazer parte da delegação, o que era aquela organização, a relação com o técnico, e tal.

Aidê: E é interessante porque a gente acaba vendo o ponto de vista de cada um, o que ele viveu na época, não é? E daí você tira uma porção de outros elementos para poder inserir no acervo?

Daniela: Exatamente! A gente está criando, na verdade, uma fonte que é uma fonte para pesquisa, uma fonte para outras exposições e isso é o que a gente quer fazer com vários tipos de jogadores, não só os de Seleção. Neste projeto a gente fez este recorte, porque precisa fazer este recorte, senão você não sai..., que é os jogadores de Seleção Brasileira em Copas. Nós vamos começar outro projeto agora, já em parceria com a Universidade de São Paulo, que vai pegar jogadores que tiveram uma carreira forte no exterior. Eles foram para o exterior, então, o que é fazer, ter essa vida no país de fora? Então pegar pessoas até mais jovens que quando esta carreira no exterior começou a ficar mais forte a presença do atleta brasileiro.

Aidê: Você já recebeu pessoas na área de pesquisa de outras modalidades, que tenham vindo aqui para se espelhar no modelo, ver o que pode ser feito também com outras modalidades?

Daniela: Ah, sim, o próprio museu lá de São José dos Campos, eles vieram aqui fazer visita, muitas empresas que estão pensando em Memoriais de Clubes vem aqui, então

agora com essa onda dos novos estádios e tal, a Copa do Mundo no Brasil, está se acentuando muito. Isso exige muitos Museus, e a gente recebe, sim.

Aidê: Mas aí é mais de Futebol mesmo, por exemplo, a Olimpíada é na sequência, e ainda não surgiu esta preocupação?

Daniela: Então, a gente não teve visita técnica aqui, mas sabemos que tem o COB, que está com um projeto de fazer o Museu Olímpico Brasileiro lá no Rio de Janeiro, na sede do COB. A gente sabe que tem esse projeto sim, mas ainda não teve nenhum intercâmbio de ideias, nada formalizado. Mas é interesse nosso, sim a gente gostaria de atender, de poder colaborar.

Aidê: É, porque é outra área. E eu acho que a gente tem tanto material quanto, para poder incluir nisso, é uma questão cultural.

Daniela: Sim.

Aidê: Bem, Daniela, muito obrigada por sua atenção.

Daniela: Eu espero ter ajudado.

APÊNDICE 3

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA NO CENTRO PRÓ-MEMÓRIA HANS NOBILING

DATA: 23/02/2012.

ENTREVISTADA: Yara Rovai, Supervisora do Centro Pró-Memória.

O Centro Pró-Memória Hans Nobiling é um Departamento do Esporte Clube Pinheiros, localizado na região oeste da Cidade de São Paulo.

Aidê: Gostaria de pedir que você contasse um pouco da história do Centro Pró-Memória, como surgiu, qual é a sua proposta?

Yara: O Centro Pró-Memória iniciou em 1990. Em 1990 fui contratada para fazer uma pesquisa para um livro, que sairia só no centenário do clube que seria em 1999. Quando eu cheguei aqui para começar a pesquisa, eu vi. Ia ser uma coisa muito difícil se não fosse organizado o material que o clube dispunha. O acervo que hoje é um acervo que está catalogado e tudo mais, estava tudo num porão em caixotes. Uma quantidade grande de material que estava estragado, já não tinha mais restauro e num lugar bem sem condições de segurança e de conservação. Em decorrência disso, a empresa em que eu trabalhava fez uma proposta da gente começar a organizar esse material. Nós fizemos um contrato de dois anos para começar a organizar esse material e durante a organização já iríamos também colhendo dados para o livro.

Esse material tinha vindo quase que totalmente de uma experiência que o clube já tinha tido de preservação que foi o museu Hans Nobiling na década de 70. Em 1970 o clube fez um museu que não era um museu, assim vamos dizer, sem características profissionais. Os associados se reuniram e começaram a recolher material e de uma forma bem voluntária, organizaram esse pequeno museu que ficava na Casa de Barcos, que alguns anos depois, foi derrubada e todo o material que eles tinham recolhido foi encaixotado. Esse material que eu encontrei duas décadas depois, praticamente. Bem, então esse foi o início.

Dois anos depois, quando o contrato terminou, a gente propôs um Centro de Memória. Porque tinham características mais de Centro de memória. Porque a gente já tinha começado a fazer o que se chama de museu oral, que são as entrevistas. Nós tínhamos feito inúmeras entrevistas, tinha material pessoal de uma porção de gente, esportistas, administradores, então se deu essa característica de Centro de Memória. Depois que cumpri esse primeiro período de dois anos através dessa empresa, encerrei o contrato e o clube acabou me fazendo uma proposta para que eu continuasse com o Centro de Memória. E daí eu continuei.

Aidê: E a formação desse centro, o clube propôs porque ele tinha interesse em fazer esse tipo de exposição ou simplesmente porque ele percebeu que poderia dar certo?

Yara: Primeiro porque eu acho que é um clube que apesar de mudanças, era o Sport Club Germânia, houve essa mudança para Esporte Clube Pinheiros, mas mesmo com essa mudança toda, é um clube que, eu acredito, tem um perfil tradicional, assim, de manter a tradição esportiva, de grandes atletas. Essa tradição só se carrega se você valoriza a história, porque senão você acaba perdendo esses momentos, essas vitórias, essas conquistas, e esses atletas acabam ficando perdidos no tempo. Então eu acho que o clube, com esse perfil de tradição, achou que era o momento de valorizar e ele apoiou a formação do Centro de Memória. A gente quando iniciou, tinha como característica, primeiro sabendo que era um clube esportivo, então a gente iria tratar sendo uma instituição particular, privada, deveria tratar da história dessa instituição e principalmente por causa das características da história esportiva dessa instituição. Nós também deveríamos tratar da característica de clube que se originou em decorrência de uma colônia, a colônia alemã. A gente tinha muito material da colônia alemã, apesar de que a boa parte desse material foi perdida, porque no tempo da guerra, a língua alemã foi proibida, e boa parte desse material foi queimado e enterrado. Sumiram porque era proibido por lei ter documentos e também falar a língua alemã. Mas de todo jeito, as características do acervo são mais ou menos nessas duas linhas: a esportiva e a de colônia.

É lógico que como o clube não é só esportivo, a gente também tem a memória de toda a parte social e cultural. Na parte esportiva acho que amplia mais do que os muros do clube, porque como é um clube que iniciou inúmeros esportes no Brasil, em São Paulo e no Brasil, então acontece que nossa história é meio referência para formação do esporte em geral.

Aidê: Então, eu lembro, porque eu estava lendo o livro, que o início foi mesmo através da colônia alemã e pelo futebol.

Yara: Sim.

Aidê: Nós conversamos já uma vez, e você me falou que havia um predomínio das outras atividades esportivas porque o futebol não vingou na parte profissional e então depois, os outros esportes começaram a prevalecer. Como que é essa história?

Yara: Então, o início foi realmente por causa do futebol, porque antes de ser Sport Club Germânia, o Hans Nobiling que é o fundador do clube e que era um aficionado, assim, era um fanático por futebol, quando veio da Alemanha ele trouxe um estatuto do Clube Hamburgo da Alemanha, com estatuto do futebol do Clube Hamburgo. Ele já praticava atletismo e jogava futebol. Então a ideia dele era essa. Mas antes de se tornar Sport Club Germânia, já tinha formado um clube de futebol que tentava jogar com outras equipes

em São Paulo, o que era muito difícil porque não existia na época. Existia o clube dos ingleses, que eles jogavam somente dentro da colônia, então ele não tinha adversário ali e ele formava, entre outros imigrantes, tentava formar outras equipes para poder jogar. E nessa época que não era Sport Club Germânia ainda, que é antes de 1899, o time dele chamava Nobiling Team que era o “Time do Nobiling”. Só algum tempo depois é que ele formou o Sport Club Germânia. Então, realmente o início foi do Futebol. Só que os alemães, têm uma grande proximidade com a prática esportiva, grande afinidade. Então já em 1900, a gente tem registros de competições atléticas. O primeiro aniversário do clube já tem na programação de 1900, já tem além do futebol, já têm outras...

Aidê: Outras modalidades?

Yara: Atletismo. Em 1903, a gente já tem registro do tênis e assim vai. No final da primeira década do clube já tinha natação no Rio Tietê, na época no Rio Tietê. Então a prática esportiva já começa, logo no início, começa a se diversificar, mas só que mesmo assim, o mantenedor do clube nas primeiras duas décadas foi o futebol. O Germânia s  deixa de participar na liga paulista, dos campeonatos oficiais e tudo mais, em 1932, quando abandona porque o futebol já tinha ido para o lado profissional e ele se recusando a entrar no profissionalismo, saiu dos campeonatos. Daí já tinha vários esportes sendo praticados. Em 1932, já havia esgrima, já tinha tido uma experiência do que chamavam de bola ao cesto, tinha atletismo, remo, ginástica, aquela tipo ginástica alemã, não a ginástica artística.

Aidê: Antes da Copa de 54 a gente já tinha alguma medalha de Olimpíada?

Yara: Medalha não, já tinha vários atletas que participaram de Olimpíada. Então, a nossa primeira participa o, só que a gente nem conta exatamente, porque foi um atleta que era associado do Germânia, o L cio de Castro, que foi um dos grandes atletas da década de 30. Ele fazia salto com vara e era realmente um atleta excepcional, mas apesar dele ser sócio do Germânia, ele competia pelo Paulistano e em 1932, ele foi para a Olimpíada. E   uma coisa assim, que o resgate da memória sempre vai muito assim, ele é seletivo. Sempre existe uma cota de esquecimento, porque, você não lembra tudo então o que acontece? A pessoa vai esquecer o que para ela não tem muito valor. Ele falava aqui que tinha competido pelo Germânia em 32. S  que a gente sabe que na época ele estava competindo pelo Paulistano. Então a gente diz que não foi um atleta do Germânia que foi para olimpíada de 32, foi o primeiro talvez associado do Germânia que tenha ido.

Mas em 36, j  foi um atleta que competia pelo Germânia, o  caro de Castro Melo, que foi com o salto em altura, também um grande atleta que inclusive era arquiteto, tinha uma construtora. Foi ele o responsável pela constru o desse edifício e o nome dele é o da pista de atletismo do Ibirapuera, Depois teve um período sem olimpíada, mas em 48 foram vários atletas do clube inclusive as primeiras mulheres e uma delas chegou em sexto lugar no revezamento da nata o, mas já tinha ido muita gente para Olimpíada. Só que a primeira medalha já   da década de 60.

Aidê: Paralelamente ao sucesso do futebol, que estava começando a crescer, a gente já tinha atletas de renome que participavam?

Yara: Sim, aqui do Germânia mesmo, Germânia e Pinheiros, porque em 48 já era Pinheiros.

Aidê: Bem então vamos falar agora do acervo. Você falou que achou o acervo em péssimo estado. Como é que foi esse trabalho de selecionar o que era viável expor e o que não era para montar esse tipo de exposição que tem aqui? Como você chegou a isso? Porque tem gente que chega aqui, por exemplo, e fala assim: “Cadê aquele troféu... Por que não está exposto aqui?” A diretoria chega com alguma proposta para fazer alguma coisa assim, ou os próprios associados chegam falando: “Eu tinha, a várias fotos e porque que não pode ser exposto aqui?” Como que é feito esse tipo de trabalho?

Yara: Logo no início do Centro de Memória, foi em cima de um projeto, e nele a gente já estabelecia alguns critérios do que seria e faria parte ou não do acervo. Eram critérios muito básicos, porque é difícil você estabelecer assim *a priori*. Mas os critérios seriam assim, nós estávamos tratando de objetos, objetos de atletas, premiações, fotografias referentes ao clube e ao esporte em geral e a colônia alemã. A gente estabelecia isso pelo o seguinte, porque, todo mundo tem em casa um objeto de memória que você tem um apreço, você gosta, tem referências, que te traz um pertencimento a algum acontecimento e tudo mais. Só que a gente não pode estar aberto porque se fosse abrir e aceitar qualquer objeto, nós não conseguiríamos controlar. Então, por exemplo, uma família que fez uma festinha de aniversário para o lindo filho que tem dois anos. Se a gente fosse ficar com tudo esse material você não tem limite, você não estabelece critério, você não estabelece um plano de ação tanto para exposição, para contar história, para fazer a pesquisa, de pesquisa e de dados disponíveis também. Então nós estabelecemos é o critério da história esportiva do clube, a sua relação com história esportiva da cidade e a história social cultural do clube e a história da colônia alemã. Nós tivemos que depois abrir mais uma linha pelo seguinte, temos um dos maiores acervos de esporte e lazer no Rio Pinheiros. Então a gente abriu também uma parte de acervo para o Rio Pinheiros, porque é uma referência e é inclusive, um dos mais procurados. Tem muita pesquisa nesse assunto. Esses critérios foram estabelecidos quando fizemos o projeto e a gente estabeleceu que ia ter uma reserva técnica. Porque no início, a ideia das pessoas é assim, tudo o que a gente tiver vai estar em exposição. É um absurdo, isso não é possível. Primeiro que a gente só hoje tem 30, 40 mil imagens. É impossível, troféus fora o que a gente não aceita, quando é descartável a gente tem quatro ou cinco mil, como é que você vai colocar não existe limite.

Aidê: Não tem nem espaço?

Yara: Não tem espaço, então o que a gente fez um plano de tudo que a gente recebia, e as pessoas quando traziam, porque no começo era meio difícil a gente receber doações. Primeiro porque ninguém nos conhecia, a gente fazia campanhas para receber material,

não sabia da confiabilidade do Centro Pró Memória, se deixasse um objeto aqui como é que ele seria tratado e tudo mais, e isso só foi criando confiabilidade durante o nosso trabalho. Então no começo, a gente recebia pouca coisa e as pessoas deixavam por um mês depois dois meses, depois um ano, depois vinha ver se a gente tinha guardado, onde estava, quais as condições, ver se estava ainda aí e se estava guardado. Depois, isso foi crescendo e fomos ganhando confiança. As pessoas foram confiando no trabalho e o que acontecia é que cada um que fazia uma limpeza em casa ou achava uma coisa em casa e queria porque queria que ficasse aqui. E daí inverteu um pouco o papel, porque a gente tinha que falar “olha, nós vamos analisar e ver se fica ou não”. Não adianta ficar com 30 carteirinhas sociais de 1945, não interessa, temos que ter uma amostra, porque não vamos ficar com a totalidade das coisas, nós temos que ter amostras de objetos. É impossível, hoje o clube tem 18 modalidades esportivas competitivas, é um dos maiores campeões de todas as modalidades no Brasil e achar que todos os troféus vão ficar aqui, é impossível, o clube ganha mais de 100 ou 200 troféus, não sei. Eu tinha feito uma contagem o ano passado, mas eu acho que é uma média de 140 ou 150 troféus por ano. Não dá para vir para cá, nós não conseguimos ampliar o nosso espaço, então temos que selecionar e colocar critérios, tanto do que vem do clube, como do que vem dos associados. O associado traz um objeto, fazemos uma análise. Hoje para a gente receber um troféu esportivo atual, não se está aceitando troféu que não seja um Brasileiro ou Sul-Americano, Pan-Americano, porque, a gente tem que ter um critério, a não ser modalidades que só tem o Paulista, por exemplo, então a gente até que fica com uma amostra de um troféu paulista. Fotos, a gente tem um problema com fotos. Hoje são digitais, nenhum fotógrafo faz seleção, manda inúmeras fotos, então temos também que selecionar o que entra e o que não entra. Existem alguns critérios que a gente utiliza e esses na verdade a gente estabelece junto com a diretoria do Centro Pró-Memória. Estabelece e faz essa seleção.

Aidê: Você tem a exposição que é teoricamente, permanente e vai fazendo as exposições?

Yara: É, como a gente tem uma reserva técnica e muitos objetos imagens guardadas, nós temos essa sala de exposição permanente, que a gente muda a cada três ou quatro anos. Fora essa mudança mais radical, temos alguns objetos que vão mudando durante esse período, então trocamos alguns troféus. Se o clube recebe um troféu mais importante, a gente já coloca em exposição, mesmo os que temos guardados, a gente troca, troca algumas medalhas. Mas basicamente a exposição que é de longa duração conta a história de cada esporte, como é que cada um iniciou aqui no clube.

Aidê: Atualização?

Yara: Atualização. E a gente tem algum troféu de cada modalidade, troféu, alguma peça de cada modalidade. Temos uniformes e temos uma área aqui atrás que é uma área que tem objetos só de Pan-Americanos e de Olimpíadas, então uniformes, passaportes olímpicos, medalhas de Olimpíadas e Pan-Americanos. E anualmente a gente faz no

planejamento, planeja algumas exposições para o ano ou algumas atividades que às vezes não são exposições, a gente faz modalidades, expedições ao Rio Pinheiros, exposições sobre a colônia alemã, ou coisas voltadas para criança. No começo do ano a gente planeja, em cima da visibilidade ao acervo. Normalmente essas exposições não são internas aqui do Centro Pró Memória. A gente tenta colocar em outras áreas do clube e algumas vezes colocamos em outros lugares fora do clube, leva a história para outros lugares, porque, visitação em museu às vezes é pequena então a gente tenta levar as exposições para onde está o público, então às vezes é ao ar livre, às vezes é na sede social que tem bastante movimento. Fora isso a gente tenta também fazer uma programação de atividades que não sejam de exposições.

Aide: E a frequência maior é do pessoal do clube mesmo, ou costuma vir gente de fora para ver?

Yara: Costuma vir gente de fora, não é muita gente. A gente recebe mais pesquisas através de internet mesmo, através de e-mail, pesquisas sobre nosso acervo e às vezes vem pesquisadores aqui também para pesquisar, ontem mesmo tinha um do basquete que está fazendo a história do basquete.

Aidê: Mas não tem assim o acesso de escolas e outros grupos?

Yara: A gente normalmente tem duas escolas por ano que vêm visitar, por causa do Rio Pinheiros.

Aidê: Não é por causa dos esportes? É por causa do rio?

Yara: Não, é por causa do rio. E acabam usando nossa linha do tempo que eles acham bem organizada para fazer um trabalho de linha do tempo e tudo mais, mas mais para ver o Rio Pinheiros. Também há algumas exposições que a gente monta sob demanda, por exemplo, a do handebol que você viu que foi um pedido porque era uma comemoração da história do handebol, 80 anos do handebol no Pinheiros, no Germânia/Pinheiros, então a gente montou uma exposição comemorativa. Agora a gente esta montando no começo de março uma exposição também comemorativa da esgrima, então se tem uma, um evento, em alguma seção, entram em contato e a gente tenta organizar alguma coisa para complementar o evento.

Aidê: Como são levantados os recursos para fazer a manutenção do acervo? E para fazer essas exposições?

Yara: O Centro Pró-Memória está dentro do orçamento, a gente tem um valor dentro do orçamento do clube na previsão orçamentária. Todo ano a gente entra na previsão orçamentária geral do clube, então nos já temos uma verba estabelecida e temos que trabalhar em cima dessa verba. Nessa verba está desde salários, bolsa de estagiário, salário de funcionário, telefone, luz e tudo mais, até verbas, a gente tem várias contas até as contas para exposição, conta para restauro, para conservação, manutenção, então

a gente está dentro da previsão. Nós somos uma instituição mantida totalmente pelo clube, é verba vinda do clube.

Aidê: Quando vocês vão fazer essas exposições itinerantes não entram com captação de recursos?

Yara: A gente tenta. Mas eu acho que no caso aqui, a verba vai sempre para esportes, para gente é difícil.

Aidê: É mesmo? Mas não tem como entrar na lei de incentivo?

Yara: Estamos fazendo uns editais e tudo para ver se a gente consegue fazer através dessas leis de incentivo.

Aidê: E que tipo de contrapartida poderia ser oferecido?

Yara: Olha depende, desde atividade... Em banners, nos banners mesmo colocar que tem o apoio, revista, sai na revista, site, internet.

Aidê: Tem jornalzinho de bairro onde pode ser divulgado ou não?

Yara: As exposições? Sim, até pode. Normalmente a gente monta, agora tem em maio, por exemplo, a Semana de Museus e quando a gente tem atividades, a gente entra no guia da Semana de Museus e tudo mais, então dá para fazer. Algumas vezes, o departamento que solicitou ajuda a pagar a exposição, só estou falando isso, porque, por exemplo, agora vai ter uma exposição para o Conselho Deliberativo e aí eles pagam uma parte, a gente trabalha, a gente faz e acho que eles vão pagar uma parte.

Aidê: Então, aquela exposição do handebol, não estava prevista no calendário. Aí surgiu a ideia e foi feita. O departamento de handebol contribuiu com alguma verba ou não?

Yara: No caso do handebol não, o da esgrima é porque a associação de esgrimistas é quem esta patrocinando, então eles vão ajudar a pagar, vão ajudar a pagar as impressões e tudo mais.

Aidê: E quais são as principais modalidades que as pessoas procuram mais para ver?

Yara: Bom, futebol é bem procurado, Rio Pinheiros é uma das que tem mais. Remo também.

Aidê: Tudo ligado ao rio e ao começo do clube?

Yara: Natação tem bastante procura porque o clube é muito forte na natação. Mas tem outras, por exemplo, ontem tinha basquete. Agora, eu vou atender um amanhã que é de ginástica artística.

Aidê. Nós temos nossos atletas beneméritos que são destaques dentro das modalidades e o clube acaba consagrando, vamos dizer, os feitos deles. Há o envolvimento dos atletas com o Centro Pró-Memória? Eles vêm aqui? Eles participam das atividades?

Yara: Olha, alguns. A gente já até teve, é engraçado, teve uns que eram mais antigos e infelizmente agora muitos estão falecendo. Eles tinham um grande envolvimento inclusive em ajudar mesmo em trazer gente, trazer material, identificar fotografias. Teve um que é um dos primeiros atletas beneméritos que é o Sr. Helmet Monshuts, ele faleceu faz uns oito ou sete anos. Ele vinha todas as quintas-feiras aqui de manhã e identificou todas as fotos de natação e de atletismo das décadas de 20, 30, 40. Sem ele nosso acervo seria muito mais pobre, porque foram centenas e centenas de fotos. Ele sentava comigo no banco de dados e falava assim “esse é fulano, esse é fulano, esse é fulano”, lembrava e ia falando. Fora que como ele era alemão, na verdade ele era africano, porque ele nasceu em uma colônia alemã na África. Mas ele vinha aqui e traduziu um monte de material para a gente do alemão para o português, revistas, relatórios de diretoria do Germânia, tudo. Esse foi um grande envolvimento, fora ele teve outros também que ajudaram e tudo mais. Quando a gente vai montar uma exposição, de Olimpíada e tudo mais, a gente liga sempre para os atletas beneméritos. Eles emprestam material, muitos doam material. Inclusive, às vezes, até os que estão participando há pouco tempo mesmo, a gente estava falando do handebol, o Vanini mesmo, a gente tem um uniforme que não é tão antigo dele, de Pan-Americano, que ele doou o uniforme para a gente.

Aidê: Então os atletas mais novos estão se envolvendo?

Yara: Tem alguns que sim. O Vanini é um que é do handebol e está sempre, toda vez que precisa de alguma coisa ele está ajudando. A Maria Julia da esgrima, e que é atleta benemérita, vira e mexe também traz material da esgrima, manda fotos e tudo mais.

Aidê: E o pessoal dos departamentos, aproveita toda essa memória para fazer algum trabalho educativo com as crianças?

Yara: Infelizmente não, não há trabalho educativo. A gente acaba fornecendo material para quase todas as seções do clube, porque precisa de uma informação de atleta, precisa de uma informação sobre a modalidade, precisa de qualquer informação. Demorou um tempo para as pessoas tomarem consciência de que aqui era o lugar, que era só procurar que a gente consegue localizar, “quantas vezes foi Campeão Paulista?”. Ou se a gente não consegue, a pessoa tem como vir pesquisar aqui e encontrar a informação. Mas a gente ainda não conseguiu estabelecer um plano para uma atividade educativa que as crianças venham. Então a gente consegue assim, por exemplo, montamos uma exposição, montamos a exposição do Rio, outra vez, do Rio Pinheiros. Lá em cima, na sede social, que foi uma exposição grande que a gente montou, então foram todas as crianças do CAD, os professores levaram, passaram, fazíamos a monitoria, então foi ótimo. Montamos uma exposição 3D, também foram todas as

crianças do CAD, também com a monitoria e tudo mais, a gente organizava e ia. Mas um trabalho constante, nós não conseguimos estabelecer ainda.

Aidê: Nem o pessoal da escolinha traz os alunos para cá?

Yara: A escolinha então até há uns dois ou três anos trazia. É que eles são muito pequenos, então vêm os maiorzinhos só que acho que tem cinco ou seis anos. Por que os outros são muito... A gente tentou inclusive fazer uma coisa que eles pudessem pegar, segurar, porque são muito pequenos. Então pegar, segurar o troféu, ver o peso, ver coisas assim que desse...

Aidê: Mais sensorial?

Yara: Mais sensorial exatamente.

Aidê: Quem é o ídolo “mais mais”? Que todo mundo conhece no clube, todos sabem quem é, quem foi, o que fez? Tem algum que é assim? Algum atleta que foi, é o mais conhecido de todos?

Yara: Olha depende viu, porque vai muito, por exemplo, hoje em dia ainda estão falando no Cielo (nadador Cesar Cielo), que já faz anos que não é daqui. O Gustavo Borges (também da nataçã), durante muito tempo... Só que é assim, como é, muitas vezes jovens e crianças que vêm, vai mudando.

Aidê: E eles também não tinham nenhum envolvimento com o centro?

Yara: Nada. Não vou nem falar.

Aidê: Não, porque, eu vejo isso em todos os outros museus, você entendeu? Em nenhum deles, o atleta em si tem vínculo com a memória do esporte. Ele é o protagonista da história, mas ele não tem nenhuma aproximação.

Yara: Mas eu posso te dizer assim, na minha experiência e eu já tenho bastante experiência, não estou dizendo que esses que eu falei não faziam isso, porque, realmente... Bom, o Cielo nem é mais daqui, mas o Gustavo Borges... O que acontece é que quando as pessoas começam a ficar mais velhas elas começam a dar mais valor, porque está todo mundo trabalhando, todo mundo cuidando da vida, fez, ganhou, fez não sei o que, daí depois, vai cuidar da vida. Daí tem uma época que já ninguém mais lembra muito, daí eles voltam porque eles querem continuar sendo lembrados. Aí volta. A gente vê muito isso, pessoas que nunca vieram aqui, nunca deram a menor, atletas eu estou falando, não deram atenção e de repente vem aqui, querem fazer, perguntam se tem medalha, se não tem, se tem foto, querem ver a foto, e coisas do tipo, porque, começa a ver que vai passar e se tem um lugar que pode ficar é aqui.

Aidê: Alguém da mídia vem aqui procurar para fazer trabalhos?

Yara: Bastante. Muitas vezes, televisão, rádio, jornal.

Aidê: E o Seminário? Eu achei muito legal o Seminário, para mim foi decisivo para eu saber o que ia fazer de trabalho. Só que, talvez por falta de tempo também, eu não estou tendo como acessar os resultados. Está tendo alguma divulgação essas coisas?

Yara: Então, não. A gente tentou no final do ano passado, algumas coisas, e não consegui e eu estou falando com algumas pessoas a Secretaria da Cultura. Vai ter um Encontro Paulista de Museus e eles estão propondo que a gente faça um encontro dos museus de esportes. Então eu estou conversando com elas e com a Daniela também e a gente vai tentar fazer esse encontro. Só que antes disso, eu acho que a gente tinha que dar uma esquentada lá na rede de museus, porque é difícil, você já tem tanta atividade, tinha que ser uma coisa mais dinâmica, então eu estou bolando alguma coisa, para a gente colocar na rede, para ver se dá algum debate e poder levar inclusive para a rede de museus. Inclusive, tínhamos um prazo, e em novembro saberíamos onde seria o segundo. E eu não tive...Tinha um rapaz de Minas e o Djalma que também estava vendo lá, e eles não me deram resposta, então estou pretendendo essa semana escrever um e-mail para eles para saber como é que vai ter a continuidade.

Aidê: Qual é a sua formação?

Yara: Eu fiz Ciências Sociais e fiz mestrado em História e Filosofia da Educação e depois fiz especializações e cursos na área de museologia.

Aide: E você tem noção de quantas pessoas costumam visitar o Centro por mês?

Yara: A média que a gente tinha calculado é de umas trezentas pessoas por mês.

Aidê: E a maioria sócios?

Yara: Sim, a maioria sócios.

Aidê: Com a história agora da Copa e das Olimpíadas no Brasil, você sentiu um movimento maior com relação a isso?

Yara: Olha, para a Copa até já teve alguma coisa da ESPN, que esteve aqui para fazer uma entrevista, pediram imagens e tudo mais. Mas vai ter. Eu estou acreditando que vai, porque, sempre esquento muito nesse período.

Aidê: O Comitê Olímpico ainda não se manifestou? Nada?

Yara: Comitê Olímpico, não exatamente. Os que nos procuram, seriam mais jornalistas. Tem a promessa do Museu Olímpico.

Aidê: Eu até perguntei até para Daniela, porque futebol só e não dos outros esportes. Ela deu uma resposta plausível, porque, o futebol é como um patrimônio nacional.

Yara: É, eles estão com o projeto, você a viu falando no Seminário?

Aidê: É, vi. E também eu andei lendo que o Comitê Olímpico Internacional vai ter que tirar o acervo dele para fazer o uma reforma, então parece que vai mudar de lugar, ainda não se sabe para onde. Uma das ideias é trazer para o Rio de Janeiro por causa das Olimpíadas. Você não ouviu nada dessa história?

Yara: Não, não ouvi nada ainda.

Aidê: Bem, Yara, é isso. Obrigada pela sua colaboração.

Yara: Se precisar mais alguma coisa, estamos aqui.

Aidê: Obrigada.

APÊNDICE 4

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA NO MUSEU DO HANDEBOL.

DATA: 25/02/2012

ENTREVISTADO: Waldyr Antonio Fonseca, colecionador e organizador do Museu.

O Museu do Handebol ocupa um cômodo da residência do Sr. Waldyr no município de Atibaia, próximo da capital do Estado São Paulo.

Aidê: Por favor, conte-me como surgiu a ideia de organizar este acervo e qual é a proposta deste Museu?

Waldyr: Bem, Aidê, eu sempre tive o hábito de colecionar suvenires de viagens. Recebi convite para fazer parte da diretoria da Confederação Brasileira de Handebol (CBHB), em 1991, e quando cheguei à sua sede, achei que por se tratar do órgão máximo do esporte em nosso país, encontraria algum tipo de exposição que trouxesse as conquistas e histórias do handebol. No entanto, ao contrário do que eu supunha, não havia nenhum tipo de objeto ou nenhuma galeria onde constassem fotos, quadros, enfim, informações sobre o que é desenvolvido aqui no Brasil. Sendo assim, ao assumir meu posto achei que seria interessante juntar algum material para o caso de um dia ser possível doar para a CBHB. Então onde eu ia, procurava angariar de tudo um pouco para montar este museu que você está vendo aqui. Infelizmente, quando eu deixei a diretoria da Confederação, percebi que havia pouco interesse deles por este meu trabalho, então acabei ficando com ele e está aqui, sob meus cuidados, para quem quiser ver.

Aidê: Que tipo de material o senhor utiliza aqui no Museu?

Waldyr: Tudo o que eu achei pelos caminhos e por minhas viagens com o Handebol. Comecei na época do Bandeirantes Handebol Clube, e aqui tem de tudo, as fotos (tem algumas com você aqui), os troféus, flâmulas que a gente trocava com os outros times, algumas medalhas daquela época, uniformes, cartões de arbitragem, bolas, súmulas dos jogos, bilhetes de embarque, as canecas das festas que a gente promovia para patrocinar as viagens, tudo o que você viveu e que eu fui guardando do BHC. Depois, com a Seleção Brasileira, foi a mesma coisa, por onde eu passava, achava algo interessante e que podia servir de lembrança daquela viagem ou de tal campeonato, eu guardava. Pan-Americanos inclusive. Quando fui para a IHF, continuei o trabalho, aí já incorporando os materiais de Mundiais e Olimpíadas.

Aidê: Como é que o senhor organiza tudo isso?

Waldyr: Bem, eu achei que seria interessante fazer assim, partindo da porta para o lado direito, nesta parede, eu comecei pelos pôsteres e fotos internacionais, Olimpíadas, Mundiais, Pan-Americanos, todos os campeonatos mais importantes. Depois fui

colocando os Brasileiros, Paulistas, Interclubes, e assim vai. Nos armários, seguindo o mesmo critério, estão os objetos como troféus, diplomas, medalhas, crachás de identificação, pequenos objetos de homenagens que recebi, etc. As fotos mais importantes eu emoldurei e estão aqui expostas, as outras estão em álbuns nas prateleiras do lado esquerdo de quem entra na sala. No canto, tenho os arquivos com súmulas de jogos, relatórios de competições, enfim, tudo que se refere a documentos dos campeonatos. As bolas todas estão naquele cesto, revistas e artigos de jornais, nas pastas nas prateleiras junto com as fotos. Os uniformes no armário, para não sujarem e empoeirarem, ou seja, tudo arrumadinho e limpo para não ter problema de estragar.

Aidê : Tudo então, é o senhor que cuida e financia?

Waldyr: Sim, tudo o que está aqui fui eu que banquei e eu que cuido pessoalmente.

Aidê: O senhor recebe muitas visitas? Como as pessoas ficam sabendo deste Museu?

Waldyr: Sempre por intermédio de alguém que já veio aqui, como você fez com o Ronaldo, técnico do Pinheiros. Ele mora aqui em Atibaia e nunca tinha aparecido aqui. Depois que você falou com ele, ele já veio duas vezes e nós estamos programando algumas coisas com o pessoal da Prefeitura de Atibaia.

Aidê: E os atletas, vêm aqui, procuram o senhor?

Waldyr: Alguns, sempre ligam, perguntam algumas informações, tem gente que vem fazer trabalho de escola ou de faculdade, tem árbitros que me visitam, tem gente que traz mais material para eu colocar aqui.

Aidê: Mas o senhor não tem mais participado dos campeonatos e jogos, como o senhor se atualiza de tudo?

Waldyr: Não participo mas continuo mantendo contato com muitas pessoas envolvidas com o handebol e tenho as minhas fontes como tinha na época da IHF.

Aidê: O senhor faz algum tipo de divulgação do Museu?

Waldyr: Não, é tudo de pessoalmente mesmo.

Aidê: Obrigada por suas informações.

Waldyr: Foi um prazer atendê-la, volte sempre!